

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

THALIA PINHEIRO ROCHA

**OS ASPECTOS DA PRESERVAÇÃO DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO NA
BIBLIOTECA SECCIONAL CAMPUS COLEMAR NATAL E SILVA**

GOIÂNIA

2020

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

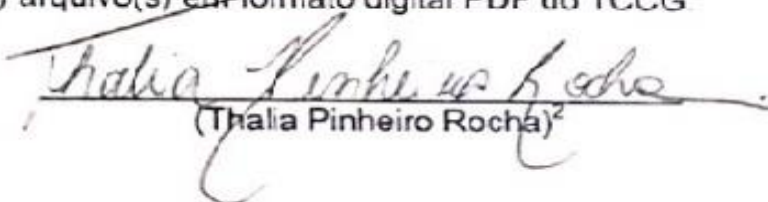
Nome completo do autor: Thalia Pinheiro Rocha

Título do trabalho: Os aspectos da preservação do acervo bibliográfico da Biblioteca Seccional Campus Coleman Natal e Silva.

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.


(Thalia Pinheiro Rocha)²

Ciente e de acordo:


(Cássia Oliveira)²

Data: 14 /12 / 2020.

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

THALIA PINHEIRO ROCHA

**OS ASPECTOS DA PRESERVAÇÃO DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO NA
BIBLIOTECA SECCIONAL CAMPUS COLEMAR NATAL E SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção de grau de
Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade
Federal de Goiás.

Orientadora: Profa. Me Cássia Oliveira

GOIÂNIA

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rocha, Thalia Pinheiro

Os aspectos da preservação do acervo bibliográfico na Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva [manuscrito] / Thalia Pinheiro Rocha. - 2020.

80, f.: il.

Orientador: Profa. Cássia Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Biblioteconomia, Goiânia, 2020.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, gráfico, lista de figuras.

1. Preservação. 2. Conservação. 3. Restauração. 4. Acervo Bibliográfico. 5. Biblioteca Universitária. I. Oliveira, Cássia, orient.
II. Título.

CDU 02

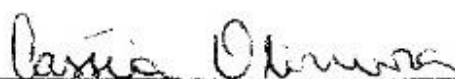
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

THALIA PINHEIRO ROCHA

OS ASPECTOS DA PRESERVAÇÃO DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO NA
BIBLIOTECA SECCIONAL CAMPUS COLEMAR NATAL E SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em 14/12/2020 pela banca examinadora composta pelas seguintes profissionais:



Prof.^a. Ms. Cássia Oliveira
Orientadora



Prof.^a. Dra. Maria de Fátima Garbelini
Convidada

Ao amigo Bibliotecário
Vítor Paiva Machado
Martins de Araújo (*In
memoriam*)

“Nós somos todos constituídos de bocados, de extratos de história, da literatura, de direito internacional [...] E se nos perguntarem o que fazemos, podeis responder: Recordamo-nos”.

(Ray Bradbury, Fahrenheit 451).

“Os livros não são feitos para se crer neles, mas para serem submetidos à investigação”.

(Umberto Eco, O Nome da Rosa)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos **meus pais** por sempre terem me incentivado e apoiado os meus estudos, por acreditarem na minha escolha profissional e por terem possibilitado que eu tivesse acesso à educação desde cedo. Muito obrigada por todo o esforço de vocês.

Ao meu irmão **Aurélio** e a minha avó **M^a Aparecida** que enchem meu coração de alegria só por estarem comigo. E a **minha madrinha** por apresentar o caminho da Biblioteconomia e por todo o apoio, carinho e acolhimento.

Agradeço a **professora Laís** pela oportunidade de ter participado de seu projeto de pesquisa o qual me proporcionou uma boa experiência para a escrita deste trabalho, pelos conselhos enquanto profissional e pela honra de termos publicado juntas.

Também agradeço a minha **orientadora Cássia**, por acreditar na minha pesquisa e me mostrar os melhores caminhos a serem trilhados para construí-la. Agradeço por toda paciência, sensibilidade e por trazer leveza durante todo esse processo.

A **professora Fátima** por ter aceitado o convite de compor a banca avaliadora e compartilhar conosco suas experiências sobre o nosso tema.

As minhas amigas **Jumana, Iza e Edylayne** que trilharam esta jornada comigo, e fazendo com que os meus dias na universidade fossem mais leves e mais felizes, sou eternamente grata pela nossa amizade e por tudo que passamos juntas durante esses anos.

Agradeço ao **Otávio** pelo companheirismo, por me ensinar a ter paciência comigo mesma, por acreditar em mim nos momentos que nem eu mesma acreditava e por me fazer sorrir todos os dias.

Agradeço a **Lisiane** por ter sido um exemplo de resiliência e comprometimento enquanto pesquisadora e me inspirar no processo de escrita, e também, por sempre me incentivar a seguir a carreira acadêmica.

E a **Luiz Vendramini**, agradeço por me ensinar os processos da conservação e por instigar o surgimento desse trabalho.

RESUMO

Este estudo versa sobre o tema de preservação do acervo bibliográfico e seus respectivos processos; tem por objetivo justificar a importância de uma oficina de pequenos reparos dentro da biblioteca universitária. O estudo qualifica-se como um estudo de caso, o qual utiliza os artifícios da pesquisa qualitativa para a avaliação dos seus resultados, visando reafirmar por meio da revisão de literatura e do relato do trabalho prático, a importância do trabalho de preservação e restauração de acervo, e assim, mostrar os resultados que a oficina na BSCAN oferece a biblioteca e a comunidade acadêmica dentro de suas possibilidades e estimar o que poderia ser entregue se a oficina contasse com aparatos modernos e específicos para esse tipo de serviço. Constata-se que a oficina entrega bons resultados considerando seu recurso e sua estrutura, porém a biblioteca poderia trabalhar em estratégias para desenvolver ações mais incisivas para e traçar políticas internas que pensem na preservação do acervo.

Palavras-chave: Preservação; Conservação; Restauração; Acervo Bibliográfico; Biblioteca Universitária.

ABSTRACT

This study deals with the theme of preserving the bibliographic collection and its respective processes; aims to justify the importance of a small repair shop within the university library. The study qualifies as a case study, which uses the artifices of qualitative research to evaluate its results, aiming to reaffirm through the literature review and the report of the practical work, the importance of the work of preservation and restoration of collection, and thus show the results that the workshop at BSCAN offers the library and the academic community within its possibilities and estimate what could be delivered if the workshop had modern and specific devices for this type of service. It appears that the workshop delivers good results considering its resource and its structure, however the library could work on strategies to develop more incisive actions for and outline internal policies that think about the preservation of the collection.

Keywords: Preservation; Conservation; Restoration; Bibliographic Collection; University Library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Catálogo de fichas – SIBI-UFG.....	36
Figura 2 - Página de recuperação de busca no catálogo digital-SIBI-UFG.....	36
Figura 3 - Livros acomodados de maneira incorreta.....	47
Figura 4 - Livros com lombadas danificadas.....	47
Figura 5 – Estruturas do livro.....	57
Figura 6 – Livro com lombada danificada.....	58
Figura 7– Separação de capas.....	59
Figura 8 – Miolo do livro.....	60
Figura 9 – Colocação de guarda e contraguarda.....	60
Figura 10 – Montagem da Lombada.....	61
Figura 11 – Livro com lombada restaurada.....	61
Figura 12 - Livro com ausência de capa e páginas soltas.....	62
Figura 13 – Preparação do livro para costura.....	63
Figura 14 – Costura do livro.....	64
Figura 15 – Livro Costurado.....	64
Figura 16 – Livro com as páginas regroupadas.....	64
Figura 17 – Composição de capa.....	65
Figura 18 – Colagem de capa.....	66
Figura 19 – Encadernação finalizada.....	66
Figura 20 – Livro com folhas e capas soltas.....	67
Figura 21 – Construção de capas.....	67
Figura 22 – Colagem de lombada.....	68
Figura 23 – Peso segurando colagem de capa.....	68
Figura 24 – Emborrachamento de lombada.....	69
Figura 25 – Capa recolocada com lombada emborrachada.....	69
Figura 26 – Cartaz de divulgação da campanha obra-prima.....	73
Figura 27 – Cartaz de campanha: preservando o acervo das Bibliotecas UFG.....	74
Figura 28 – Aviso para as mesas de estudo.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Livros Restaurados no ano de 2019 entre jan-out.....	71
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Geração de Livros Digitais.....	28
Quadro 2 - A Biblioteca Universitária em três períodos.....	35
Quadro 3 - Conceitos Gerais sobre Preservação, Conservação Restauração.....	39
Quadro 4- Recomendações Técnicas Para Conservação Preventiva.....	43
Quadro 5 - Presença das disciplinas de Conservação e Restauração nos cursos de Biblioteconomia nas Universidades Públicas.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	Biblioteca Central
BSCAN	Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva
BSCAP	Biblioteca Seccional Campus Aparecida de Goiânia
BSCepae	Biblioteca Seccional Centro de Pesquisa e Ensino Aplicados à Educação
BSLL	Biblioteca Seccional Letras e Linguística
BSMA	Biblioteca Seccional Museu Antropológico
BSRC	Biblioteca Seccional Regional Catalão
BSRGO	Biblioteca Seccional Regional Goiás
BSRJ	Biblioteca Seccional Regional Jataí
CD-ROM	Compact Disc – Read-Only Memory
EPUB	Eletronic Publication
PDF	Portable Document Format
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
SIBI	Sistema de Bibliotecas
UDESC	Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Mesquita Filho
UNIR	Fundação Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2. ASPECTOS HISTÓRICOS DO OBJETO LIVRO.....	18
2.1 A CIÊNCIA, AS UNIVERSIDADES E AS BIBLIOTECAS.....	30
3 CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO: OS PROCESSOS POR TRÁS DA PRESERVAÇÃO.....	38
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	52
4.1 AMBIENTE DA PESQUISA.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é o resultado de uma experiência de trabalho vivenciada durante a disciplina de estágio obrigatório do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). O estágio faz parte da grade curricular e tem como finalidade proporcionar uma experiência prática aos estudantes do curso, aliada às discussões e reflexões teóricas. O estágio em questão foi realizado na Oficina de Livros que compõe um dos departamentos da Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva (BSCAN), da UFG, localizado na Praça Universitária, em Goiânia.

A partir de algumas questões observadas dentro da oficina de restauração, foram levantadas indagações sobre a importância que esse espaço tem para a biblioteca e para a comunidade acadêmica a qual está inserida, uma vez que a Oficina de Livros atua diretamente na preservação e conservação do acervo e contribui para o ajuste da redução de gastos da instituição, já que o trabalho de restauração recupera o material evitando seu descarte e consequentemente economizando recursos que seriam gastos para compra de um novo material.

Sabendo disso, buscamos compreender sistematicamente qual a importância deste departamento dentro dessa instituição que é a biblioteca universitária. A Oficina de Livros da BSCAN conta atualmente com apenas um funcionário e equipamentos obsoletos e improvisados e consegue entregar por mês uma média que varia de 80 a 100 livros recuperados. Notadamente, observamos que o espaço trabalha num contexto de precariedade, já que não possui uma equipe de trabalho, além da falta de equipamentos adequados para os serviços desenvolvidos. Essas e outras informações serão discutidas adiante no decorrer da pesquisa.

Tivemos por objetivo justificar a importância de uma oficina de reparo dentro da biblioteca universitária e para tal, buscaremos apresentar a história do livro como patrimônio e fonte de informação, trabalhar os conceitos e técnicas envolvidas no processo de preservação do acervo, identificar os principais problemas relacionados a deterioração das obras e expor o funcionamento da oficina de livros da BSCAN, assim como os procedimentos realizados e o resultado dos mesmos.

Diante desse exposto, este trabalho visa reafirmar por meio da revisão de literatura e das observações e do trabalho prático realizado na Oficina de Livros, a importância do trabalho de preservação e restauração do acervo da BSCAN,

buscando compreender qual a importância de uma oficina de pequenos reparos dentro da biblioteca universitária.

De acordo com Milanesi (1998, p.72) “A biblioteca e a universidade refletem-se. Uma medida de qualidade de uma instituição de ensino superior é a excelência de sua biblioteca”. Sendo assim, podemos notar que a biblioteca universitária representa um papel fundamental ao funcionamento da universidade a qual faz parte.

Dentre as atribuições das bibliotecas, destaca-se a disseminação de informação, e o bibliotecário destaca-se como o mediador da informação para o usuário, segundo Campello (2006, p.3) “Para ser acessada a informação precisa estar organizada, isto é, conservada e mantida para que possa ser continuamente utilizada”. Dito isto, podemos atribuir ao bibliotecário à responsabilidade de manter preservado o acervo bibliográfico para desta forma, garantir o acesso aos usuários da biblioteca, neste interim, Campello (2006, p.03) diz que

É necessário entender “por que preservar?” e se os bibliotecários quiserem atender a legítima vontade de seus usuários de ter acesso a informações e aos documentos de todas as épocas, inclusive as passadas, é preciso compreender este processo.

Portanto, é baseado nestes preceitos que justificamos a importância deste estudo, compreender os motivos de se preservar o acervo e os meios que levarão a este fim, de modo pensar na preservação do acervo estará relacionado à preservação da memória e transmissão do conhecimento.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO OBJETO LIVRO

Neste capítulo apresentamos uma breve discussão histórica sobre o objeto livro. Isto nos parece fundamental para compreendermos sua estrutura, seu uso e seu desenvolvimento ao longo da história da humanidade. Não pretendemos esgotar este assunto, mas sim apresentar de maneira geral e a partir de alguns autores que se dedicaram a pensar neste assunto, algumas reflexões sobre o livro. Tais ideias nos ajudarão a perceber o uso que fazemos hoje deste objeto, o modo como nos dedicamos a pensar em sua manipulação, organização, armazenamento e conservação.

Deste modo, para estudar o objeto livro é preciso compreender sistematicamente o seu surgimento, bem como a sua função na sociedade como um todo, além da sua importância para o registro de conhecimentos.

É sabido que ao longo da história, a humanidade criou e recriou maneiras de se registrar a informação, passando pelas pinturas rupestres ou escrita pictográfica, pela escrita mnemônica que se dava a partir de simbologias, principalmente de cores e formas geométricas, até chegar ao desenvolvimento da escrita fonética. Para o autor Martins (1998, p. 40), o surgimento da escrita fonética representou:

um passo com consequências incalculáveis [...] dado quando o homem, na tarefa de fixar e transmitir o pensamento, percebeu que lhe era possível substituir a imagem visual pela sonora, colocar o som onde até então só tinha obstinadamente colocado a figura. Dessa forma, o sinal se libertaria completamente do objeto e a linguagem readquiriria a sua verdadeira natureza, que é oral.

Diante do exposto o autor afirma a importância da escrita fonética, uma vez que se criam letras que por si só são representações sem significado, mas que atribuindo diferentes sons a cada uma e reunindo-as em conformidade com as regras de cada região, formam sílabas, palavras, frases e textos e permitindo assim maior desenvoltura e possibilidades na comunicação escrita. Ao atribuir som aos símbolos (letras e ideogramas) torna-se possível na escrita até mesmo a expressão do que é subjetivo, como por exemplo, sentimentos, que seria algo inimaginável de ser transmitido pelos outros meios de registros da época.

Na história da humanidade, cada grupo social foi elaborando maneiras diferentes de se comunicar através da adoção de códigos específicos. Como forma de registros havia a chamada escrita cuneiforme, desenvolvida pelos sumérios, a qual diz respeito à escrita que era feita por cunhas (objetos pontiagudos) em argila. Posteriormente surge a escrita em papiros e pergaminhos, materiais estes que podem ser considerados como os predecessores do papel que utilizamos atualmente.

De acordo com Lyons (1998, p. 15) “as sociedades antigas usavam imagens ou símbolos para escrever em cascas de árvores, folhas de palmeira ou bananeira, madeira, argila, papiro, carapaças de tartaruga, bambu ou seda”. Esses materiais foram empregados no uso dos registros do conhecimento e com o tempo, perderam espaço para o pergaminho e o papiro. Esses suplementos eram criados, respectivamente, a partir de fibra de plantas e couro de animais.

Sabe-se que o uso do papiro como material de escrita vem de tempos muito remotos, mas não se sabe ao certo quando realmente se teve início (MARTINS, 1998, p. 61). Porém uma vez preparado através da folha de uma planta com o mesmo nome, o papiro estaria pronto para uso. De acordo com o autor, “sobre cada folha, o texto era escrito em colunas e cada uma delas se colava, em seguida, pela extremidade, à folha seguinte, de forma que se obtinham fitas de papiro com, às vezes, dezoito metros de comprimento” (1998, p. 62).

Conforme dito anteriormente, as folhas escritas eram coladas em sequência para que houvesse continuidade na narrativa e ao final dessa cadeia de folhas era adicionado um rolo de madeira, chamado *umbilicus*¹, que seria utilizado para enrolar essas folhas facilitando o manuseio e dando forma aos *volumens*², também conhecidos hoje como rolos devido a sua forma. Esta já seria uma forma ancestral de produção dos pergaminhos e, por conseguinte, dos próprios livros.

Tempos depois surge o pergaminho que passaria a competir diretamente com o uso do papiro, feito a partir de pele de animais. No entanto, o pergaminho oferecia vantagens com relação ao papiro apesar do alto custo, pois sua estrutura permitia

¹ Do Latim, umbigo, um ponto de ligação entre um corpo e outro. Vareta na qual se enrolava os pedaços sequenciais de papiro (CUNHA; CAVALCANTI. 2008, p.326).

² Uma das formas manuscritas antigas do livro; Forma característica do manuscrito em papiro (CUNHA; CAVALCANTI. 2008, p.326).

que fosse reutilizado, lavando-o e esfregando a folha de pergaminho com pedrapomes e assim apagando o conteúdo anteriormente registrado e reutilizando o material, que passaria a ser chamado *palimpsesto*³.

Os pergaminhos também ganharam popularidade por sua duração que era superior se comparada ao papiro, que tendia a se decompor rapidamente em condições úmidas (LYONS, 2011). Observa-se aqui algumas características que ajudarão a compreender, nos capítulos que se seguem, os problemas mais comuns de degradação dos livros que podem ocasionalmente estar vinculados ao tipo de material com que é produzido ou ao modo como são armazenados.

A escrita nestes materiais se dava de maneiras diferentes. De acordo com Martins (1998, p. 68),

o pergaminho foi escrito, como o papiro, de um lado só até que se descobriu ser perfeitamente possível fazê-lo nas duas faces. Enquanto a escrita era realizada apenas no reto, o pergaminho era enrolado, como o papiro, para constituir o *volumen*. A escrita no reto e no verso vai dar nascimento ao *códex*, isto é, ao antepassado imediato do livro.

O termo “reto” citado acima, diz-se do que hoje chamamos de frente da folha, ou seja, o primeiro lado em que escrevemos em oposto ao verso. Em relação à escrita no papiro, escrevia-se apenas no reto, pois era o lado mais macio e que absorvia melhor a tinta. Com a possibilidade da escrita utilizando a frente e o verso do pergaminho, o formato rolo deixa de fazer sentido e as folhas anteriormente fixadas logo abaixo uma das outras passam a serem reunidas e encadernadas, semelhantes à forma que conhecemos hoje.

Dessa maneira chegamos ao formato códice, ao qual conhecemos atualmente. Lyons ressalta a diferença de que atualmente possuímos livros de diversos tamanhos devida à possibilidade de cortes na folha de impressão ao passo que os pergaminhos não eram dobrados e muito menos cortados, assim, logo os códices eram grandes livros chamados de in-folio, o que significava dizer que eram do tamanho da folha de um pergaminho. Segundo Lyons (2011, p. 08),

³ Do grego: *palimpsest* – “Escrever de novo sobre o que se apagou. Manuscrito antigo, geralmente em pergaminho, que servia sucessivamente de suporte a outros textos, depois da raspagem de textos precedentes”. (CUNHA; CAVALCANTI. 2008, p. 274)

uma das primeiras revoluções do livro foi a invenção do códice, originário do mundo cristão dos séculos II e III, quando deixou de ser um rolo, ou *volumen*, e passou a ser uma coleção de folhas individuais unidas frouxamente entre si. O códice era um livro com páginas a serem viradas em vez de uma longa tira de material a ser desenrolada.

A chegada do códice revolucionou a história da leitura, uma vez que permitiu a facilitação do manuseio, pois os rolos precisavam do uso das duas mãos para ser lido, o formato do códice também possibilitou a numeração e marcação de páginas, permitindo que os leitores destes documentos navegassem na leitura, com as possibilidades de voltar e avançar nas páginas com pouco esforço, permitindo assim a localização das passagens que mais lhes interessassem. Para Lyons (1998, p. 36) “o códice era mais compacto e facilmente manuseado que o *volumen*. Ambos os lados do papel podiam ser usados, o que permitia ao códice receber mais texto”. De acordo com o autor “apesar das claras vantagens do códice, o rolo persistiu por séculos em alguns meios” (LYONS, 2010, p. 37).

Ademais, segundo o autor, algumas áreas como o teatro e também a monarquia inglesa ainda mantiveram o uso do rolo; porém não ficam claros os reais motivos por trás dessas escolhas: seria uma forma de proteger seus escritos deixando-os deliberadamente mais difíceis de manusear ou apenas uma resistência à nova tecnologia? Essas indagações surgem e se assemelham à nossa situação atual no que diz respeito ao formato de leitura, onde muito se discute sobre o livro físico *versus* o livro digital. Talvez mesmo com suas limitações o rolo continuasse fazendo sentido e mantendo sua importância naqueles cenários, tal qual o livro físico para nossa sociedade nos dias de hoje.

Importante ressaltar ainda que com o surgimento dos materiais usados como papel, foi possível a reprodução dos textos a partir das cópias dos mesmos, anteriormente escritos em pedra. A técnica de xilografia foi desenvolvida a partir desse marco, e consistia em colocar uma folha de papel sobre a pedra, esfregando-a com um grafite na parte de cima, criando-se assim uma cópia do texto com os caracteres entalhados, aparecendo em branco sobre um fundo preto. Esse método de impressão ancestral foi desenvolvido pelos chineses pouco antes de meados do século XVIII (LYONS, 2011) Suspeita-se que esta experiência revela o interesse que algumas pessoas demonstravam, naquele momento, em desenvolver novas

tecnologias para aprimorar e ampliar o uso dos registros do conhecimento e sua popularização.

Complementarmente a isso o autor diz que “os impressores chineses criaram o impresso móvel por volta de 1100 d.C, no entanto esse desenvolvimento não revolucionou a imprensa tanto quanto a reinvenção independente dessa tecnologia utilizada por Gutemberg” (LYONS, 2011, p. 20). Segundo o pensador francês Roger Chartier (1994, p. 186),

por outro lado, e mais fundamentalmente, depois como antes de Gutenberg, o livro é um objeto composto de folhas dobradas, reunidas em cadernos, os quais, por sua vez, são encadernados. Nesse sentido, a revolução da imprensa não é, de forma alguma, o aparecimento do livro. Doze ou treze séculos antes da nova técnica, o livro ocidental já encontrara a forma que permaneceria idêntica na cultura do impresso.

Contudo, embora a revolução da imprensa não seja o marco do aparecimento do livro, não se pode negar sua contribuição no tocante à democratização ao acesso dos materiais impressos uma vez que os livros deixam de serem exclusivamente manuscritos, sendo escritos e lidos apenas por agentes do clero, impactando a prática do *scriptorium*⁴, onde monges escribas faziam cópias dos livros. Apenas esses monges possuíam acesso a essas atividades, ao passo que seria possível a intervenção dos mesmos nessas fontes de informação, uma vez que apenas eles próprios tinham o entendimento e o acesso ao material original. Ademais, a chegada da imprensa possibilitou maior rapidez nos processos de produção do livro.

Mas o que foi a revolução de Gutemberg? Alguns autores entendem este momento como o marco da história da imprensa. A criação da prensa com tipos móveis, empregados por Johannes Gutemberg, para a impressão da famosa bíblia de 42 linhas batizada em homenagem ao seu inventor como a bíblia de Gutemberg, abriu os caminhos para popularização do livro. De acordo com Chartier (1998, p.07)

⁴ Do latim - salões monásticos destinados à leitura e cópia de manuscritos (CUNHA; CAVALCANTI. 2008, p. 328).

em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o a mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. O custo do livro diminuiu, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta aliás, entre mil e mil e quinhentos exemplares. Analogamente, o tempo de reprodução do texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica

Porém alguns estudiosos da área e historiadores do livro questionam o título de inventor dado a Gutenberg, uma vez que já existia o uso de tipos móveis e modos de impressão como a xilografia, logo ele não foi o inventor, não foi um pioneiro. Porém todos concordam que há de se reconhecer sua contribuição no que diz respeito ao aprimoramento dessas técnicas e sua fundamental importância. De acordo com Lyons (2011, p. 58),

Gutenberg não foi o primeiro a inventar o tipo móvel. A impressão xilográfica – às vezes usando tipos moveis – foi usada na China no século XI e na Coreia no século XIII. Duzentos anos antes da invenção de Gutenberg, os coreanos haviam produzido o que provavelmente foram os primeiros caracteres moveis de metal, mas a tecnologia não se difundiu na Ásia Oriental. [...] A tecnologia de imprensa baseada em madeira era adequada ao papel chinês e ao coreano, que não exigiam a pressão forte de um cilindro de prensa sobre uma placa de metal, necessária para deixar uma impressão em tinta sobre o papel europeu, mais duro. Apesar de ter surgido primeiro na Ásia, foi na Europa que a imprensa teve amplas consequências sociais e culturais, e a prensa para a impressão foi uma invenção ocidental. Gutenberg não sabia nada sobre as realizações dos coreanos: com seus esforços a imprensa foi reinventada na Europa.

Embora Gutenberg não tenha sido um pioneiro e inventor da prensa, em relação ao desenvolvimento dessa técnica a nível mundial, ele é reconhecido no Ocidente, como inventor da prensa. Portanto é uma questão de contexto, tempo e local. Para alguns ele é o inventor e para outros não. Para Martins (1998, p. 141), “como todas as grandes invenções, a da tipografia “andava no ar” no momento em que ocorreu e, ainda como todas as grandes invenções, ela resulta do aperfeiçoamento gradativo de processos rudimentares [...]” (MARTINS, 1998, p. 141). Com isso, podemos observar então que as grandes invenções surgem a partir de uma ideia primitiva que vai sendo testada e aprimorada de acordo com as necessidades do meio em que surge. A xilografia, certamente, aparece como um precedente à invenção da prensa. Esta por sua vez não poderia ser creditada somente à Gutenberg, mas sim a todos que antes dele ou mesmo em sua época, contribuíram com suas pesquisas e desenvolvimento de técnicas.

Segundo Rizzini (1988) *apud* Martins (1998, p. 135) “a tipografia representa menos uma invenção do que um aperfeiçoamento da arte de imprimir”. Isto reforça a ideia de que a prensa parece mais o resultado de uma série de invenções anteriores que foram aperfeiçoadas do que uma invenção inédita e exclusiva. De acordo com Burke (2016, p. 24)

Na China e no Japão, a impressão já era praticada há muito tempo — desde o século VIII, se não antes —, mas o método geralmente utilizado era o chamado de “impressão em bloco”: usava-se um bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de um texto específico. O procedimento era apropriado para culturas que empregavam milhares de ideogramas, e não um alfabeto de 20 ou 30 letras. (BURKE. 2016, p. 24)

Apesar de sua grande importância, o surgimento da imprensa não havia decretado o fim imediato dos livros manuscritos, os quais deram espaço aos novos livros impressos de forma gradativa, e nem se popularizado e democratizado o conhecimento tão rapidamente como se imagina.

No tocante a essas questões, havia obstáculos de ordem geopolíticos envolvidos na adesão do uso da prensa de Gutemberg. De acordo com Gaspar (2009, p. 02),

Não foram imediatamente visíveis os efeitos desta nova possibilidade de impulsionar a divulgação do conhecimento que o desenvolvimento da imprensa trouxe. Por exemplo, no século XVII a maioria da população não habitava na Europa e não estava ciente que nessa altura decorria uma Revolução Científica. A população feminina, metade da população europeia, não se encontrava em posição para de algum modo participar numa cultura científica e o mesmo acontecia com a enorme maioria — de homens e mulheres — que era iletrada ou não possuía qualificações para aceder aos centros de aprendizagem forma.

Além dos problemas citados acima, temos a igreja e as monarquias, estas instituições se mostravam críticas e temerosas a respeito do que a chegada da prensa poderia representar naquele contexto, que seria a perda de poder e de controle que essas entidades detinham na época; Com a chegada da prensa haveria agora, a possibilidade, dos cidadãos que não faziam parte desta elite letrada e ocupavam um lugar mais baixo dentro da pirâmide da hierarquia social, ter acesso aos livros e terem suas próprias interpretações a cerca das escrituras sagradas, e assim, deixariam de receber e confiar em apenas o que lhes eram passados pelas

autoridades do clero. E por essas razões a prensa levou mais tempo para se difundir em algumas regiões onde a laicidade era baixa ou nula, ou seja, em determinados locais onde se tinha forte controle religioso e/ou autocrático, como por exemplo, Rússia e Turquia, havia maior resistência ao uso da prensa, havia por volta do século XVI, uma crença turca que dizia que era pecado a impressão de livros religiosos e, por conseguinte em 1515 foi instaurada naquele lugar a pena de morte para se punir essa prática. Foi apenas no final do século, que foi permitido ali, a comercialização de livros impressos não religiosos (BURKE, 2016).

A partir destas reflexões observamos que o surgimento da prensa de Gutemberg não revolucionou tão rapidamente, e muito menos de uma forma fácil e ampliada, o mundo do conhecimento. Assim como toda revolução, enfrentou seus algozes e teve também seus problemas de adesão e resistência por parte de algumas instituições que temiam o progresso que essa tecnologia traria. Portanto vimos que a demora da popularização da cultura do impresso deu-se não somente pela falta de tecnologia, mas também pelas relações de controle estabelecidas por um jogo de poder que definia e controlava o tipo de conhecimento que poderia ou não ser lido e acessado pela população.

Já nas regiões da Europa, onde teve maior aceitação, apesar de também ter enfrentado a censura religiosa, o uso da prensa de fato possibilitou algum progresso, como a circulação de jornais, o aumento da produção de livros e consequentemente o aumento da difusão do conhecimento. Contudo, o uso da prensa seria irrelevante sem a existência do papel. Essa invenção certamente possibilitou o sucesso da prensa, facilitando a impressão dos tipos em seu suporte.

Foi na província de Hunan ao norte da China, que por volta de 105 d.C., que surge o papel, feito a partir da matéria prima de cânhamo e algodão e linho. Somente após de mais mil anos de seu surgimento é que o papel chinês chega a Europa, e devido à popularização da circulação de documentos e consequentemente o aumento da demanda de papel, a utilização de trapos de linho e algodão foi substituída pelo uso de fibras vegetais de celulose que até os dias de hoje são a matéria prima principal para a fabricação de papel (LUCCAS; SERIPIERRI, 1995).

Sobre o uso da prensa e os suportes da escrita Febvre (2000, p.32) comenta:

que adiantaria ter de imprimir estampas ou mesmo composições construídas por caracteres móveis, se, para receber a impressão, apenas se dispusesse de peles que recebiam a tinta com dificuldade e só algumas – as mais raras e mais caras, as peles de velino, isto é, de bezerro nado-morto – eram suficientemente lisas e suficiente macias para poderem passar com facilidade por um prelo? A invenção da imprensa teria sido inoperante se um novo suporte de pensamento, o papel, proveniente da China através da Arábia, não tivesse feito sua aparição na Europa, dois séculos antes, para ser de uso generalizado e corrente no final do século XIV.

Podemos perceber que a evolução do material utilizado para receber a impressão foi de suma importância também para ajudar na popularização dessa prática, que por si só também sofreu atualizações desde Gutemberg, como já vimos a própria criação de Gutemberg tratava-se mais de um aprimoramento do que de fato uma invenção. Segundo Burke (2016, p. 31),

o impressor alemão Willem Blaeu aprimorou o modelo da prensa de madeira no século XVII. Foram desenvolvidos mecanismos maiores para mapas. A prensa manual de ferro de Stanhope (1804) dobrou a taxa normal de produção, enquanto a de vapor, de Friedrich Koenig (1811), quadruplicou a produtividade em relação à de Stanhop.

Portanto, notamos que história do livro perpassa por diversos caminhos: começando pela escrita, passando pelos suportes, a mudança de formato e o surgimento da prensa, o uso do papel chinês de celulose, a prensa de Gutemberg e o formato de códice abriram as portas para as tecnologias gráficas que possuímos atualmente, possibilitando o formato livro como o conhecemos em nosso tempo presente.

Os avanços dessas descobertas permitiram pouco a pouco que o livro fosse popularizado, possibilitando a sua produção em massa e conseqüentemente aumentando a sua circulação. Esta nova dinâmica de produção, circulação e conseqüentemente popularização deste objeto, permite também novas dinâmicas de organização e circulação do conhecimento possibilitada e organizada pelas bibliotecas.

Conforme vimos, o livro continua sua evolução após a contribuição de Gutemberg para a sua história, hoje o livro moderno desempenha sua função de agente transformador e disseminador de cultura e conhecimento. O livro impresso

de hoje, apesar de apresentar semelhanças com o formato código e com as tecnologias de impressão gráfica desde Gutemberg, tem sofrido muitas transformações na sua fabricação.

O livro passou por vários aprimoramentos desde o seu surgimento até chegar nesse novo formato, tanto pelo uso das tecnologias de impressão, quanto pelo uso do papel que foram e são desenvolvidas desde a época de sua invenção até os dias atuais, das tábuas xilográficas aos tabletes de argila, dos rolos manuscritos aos códices em pergaminhos e desses para a impressão em papel; dos estiletes aos pincéis e as penas de pato, destas para as metálicas e depois para tipografia, e assim o livro evoluiu até a sua última metamorfose técnica: a composição e a impressão eletrônicas (MARTINS, 2002).

Durante o século XX, surge o formato dos CD-ROM⁵, que traziam conteúdos multimídia, entre eles, textos gravados que poderiam ser lidos em computadores. O surgimento do CD-ROM pontua uma importante fase na transformação do texto impresso para o eletrônico, marcada pelo uso de um suporte eletrônico – no caso, computadores –, como instrumentos essenciais de mediação da leitura (SERRA, 2016).

Podemos então dizer, que aqui se marca a chegada do livro digital e também se evidencia a sua “fraqueza”, a dependência de um suporte eletrônico que permita a mediação da leitura de seu conteúdo, porém é nesse interim que se apresenta as suas vantagens em meio digital, o uso de artifícios de multimídia complementarmente ao texto, possibilitando uma nova experiência de leitura.

Outro marco importante no surgimento do livro em meio digital foi a ideia apresentada por Vannevar Bush⁶ no artigo intitulado *As we may think* (Como pensamos) publicado em 1945, no qual apresentava o conceito Memex, ou memória expandida que se tratava de um equipamento em que permitiria ao leitor armazenar seus livros, anotações, imagens, sons, gráficos e quaisquer outras informações representadas em diferentes suportes e formatos, que poderiam ser acessados a qualquer momento, de acordo com a necessidade do solicitante. Esse equipamento possuiria tela que seria sensível ao toque, para pesquisa, leitura e acesso a todo

⁵ Sigla para Compact Disc Read-Only Memory (Disco compacto exclusivamente de leitura)

⁶ Engenheiro Militar, inventor e político estadunidense.

este conteúdo. Haveria um teclado para buscar ou adicionar comentários e anotações, teria também uma superfície para captura de imagens (*scanner*) que permitiria acrescentar novos registros ao conjunto existente. Possibilitaria ainda, a realização de ligação (*link*) entre um registro e outro, proporcionando uma navegabilidade (*hiperlink*) entre os documentos. (SERRA, 2016).

Contudo, essas ideias apresentadas (CD-ROM e Memex) tratam de equipamentos que apresentam o papel de suporte de leitura e não do livro em si, são estruturas que seriam mediadoras do conteúdo escrito, como nos explica Serra (p. 226, 2016): “o dispositivo de leitura é o equipamento que mediará à leitura; não é o livro digital”. Como o livro em meio digital dependia do aparelho há ainda a confusão com relação ao o que é o livro e o que o suporte de leitura. Entendemos por essa afirmação que o livro eletrônico (e-book) se refere ao formato programado (software) como PDF, *Epub*⁷. Já o suporte do livro eletrônico (*e-readers*) são os componentes eletrônicos físicos (*hardwares*) como os computadores, *Ipad* e *Kindle*⁸. Serra (2016) indica quatro gerações dos livros digitais, apresentados no quadro a seguir.

QUADRO 1 – Geração de Livros Digitais

Geração	Período	Características
1 ^a	1945-1989	Ideias de Bush; acesso às bases de dados pesquisáveis de forma remota até os CD-ROMs.
2 ^a	1990-1999	Advento da web e lançamento de dispositivos de leitura dedicados. Início da oferta de conteúdo no formato PDF.
3 ^a	2000-2009	Desenvolvimento do formato ePUB, leitura mediada por computadores, dispositivos de leitura dedicados e PDAs. Lançamento do Kindle.
4 ^a	Situação corrente	Oferta de dispositivos de leitura convergentes (<i>tablets</i>), com destaque ao <i>iPad</i> .

Fonte: (SERRA, 2016. P.228)

Importante ressaltar que, com as mudanças no suporte, novas possibilidades de leitura surgem. Quando o livro assume o formato de código, aparecem novas possibilidades, como sumário, marcação de páginas, índice, possibilidade de avançar e voltar páginas durante a leitura e isso proporciona maior dinamicidade a

⁷ PDF – Sigla para Portable Document Format; Epub – Sigla para Eletronic Publication (publicação eletrônica) ambos dizem respeito a formatos de arquivos digitais.

⁸ *Ipad* – Dispositivo móvel multifuncional (tablete) desenvolvido pela empresa americana Apple. *Kindle* – Dispositivo móvel para leitura em meio eletrônico (e-reader) desenvolvido pela multinacional Amazon.

leitura. Já no formato digital, temos ainda todos esses meios de navegação mantidos, porém de uma forma não linear, através dos hiperlinks, é possível saltar de um texto a outro, permitindo o acesso a dicionários e páginas na internet que façam relações complementares ao texto que está sendo lido, o que gera novamente uma nova relação com a leitura e as formas de ler. Porém, como opera em meios digitais, esse novo formato também apresenta seus contras, a obsolescência tanto dos aparelhos (hardwares) quando dos programas utilizados para seu funcionamento (softwares) que com o passar do tempo são atualizados e demanda substituição.

Vimos nesta seção algumas transformações decisivas em relação ao formato do livro e as suas condições de uso. Isto mostra que a tecnologia é um fator fundamental para essas evoluções e para a perpetuação deste objeto oriundo da antiguidade e que resiste até os dias atuais. A chegada dos livros em formato digital trouxe discussões acerca do futuro do livro, se o livro digital daria fim ao livro físico; Com relação a essas discussões nos alinhamos aos pensamentos de pesquisadores e historiadores da história do livro, como Umberto Eco, que acredita na sobrevivência do livro físico como suporte de leitura mesmo com a presença de uma alternativa tecnológica.

Em um trecho de não contem com o fim do livro, quando questionado sobre qual suporte escolheria para salvar determinados objetos de cultura de um desastre hipotético, Eco (2010, p. 36) diz:

Vimos que suportes modernos tornam-se rapidamente obsoletos. Porque correr o risco de nos atulharmos com objetos que corram o risco de permanecer mudos, ilegíveis? Temos a prova científica da superioridade dos livros sobre qualquer outro objeto que nossas indústrias culturais puseram no mercado nesses últimos anos. Logo, se devo salvar alguma coisa que seja transportável e que deu provas de resistir às vicissitudes do tempo, escolho o livro.

Portanto, nesta pesquisa nos interessa pensar no livro em seu formato tradicional, oriundo do códice. O livro de papel que já atravessou eras e ainda resiste na modernidade, e que traz consigo a função de disseminar informação e resguardar a memória e a cultura. Qual será a importância de se conservar sua integridade, como a biblioteca atua nessa função e quais são os meios para garantir a vida útil por meio de processos restaurativos.

2.1 A CIÊNCIA, AS UNIVERSIDADES E AS BIBLIOTECAS.

Pode-se dizer que a história da ciência e do fazer científico perpassam também pela história do livro. Neste capítulo abordaremos como a evolução do livro, a partir de Gutemberg, possibilitou a difusão da ciência, o surgimento da universidade e a resignificação da biblioteca.

A existência das bibliotecas na história da humanidade remonta de tempos anteriores ao surgimento dos livros. As primeiras bibliotecas surgem de maneira intrínseca ao surgimento da escrita, que veio da necessidade do homem de registrar seus conhecimentos e suas memórias para a posteridade. E assim, nos primórdios da história dos registros dos conhecimentos, existiam três tipos de bibliotecas: as bibliotecas minerais, bibliotecas vegetais e bibliotecas animais, que assim se designavam pelo tipo de suporte dos registros, respectivamente, argila e pedras, papiro e pergaminho (MARTINS, 1998).

A palavra biblioteca tem sua etimologia advinda do grego, *biblíon* que se refere a livro e *tēkē* que significaria depósito. Desse modo, uma das primeiras e principais demandas da biblioteca naquele contexto era a de servir como grandes depósitos de livros, atuando como guardiãs da memória e dos saberes dos povos de seus respectivos locais e épocas. Neste período, havia a pretensão de ter reunidos em um único prédio todos os saberes existentes e, com isso, começa a busca incessante por materiais publicados.

Dentre as bibliotecas mais importantes da antiguidade, está a biblioteca de Alexandria, que surgiu dessa necessidade de se reunir em um só lugar, todo o conhecimento possível. Esta pode ser citada como uma das mais imponentes do seu tempo por conta do vasto acervo que possuía que era desenvolvido com livros comprados por mensageiros em feiras em Rodes e Atenas, e com a exigência de que todos os navios que atracavam em Alexandria deveriam ceder seus livros para cópia e assim, eram devolvidos aos donos apenas as cópias, já que o material original era incorporado ao acervo. (LYONS, 2011.)

Dada à importância das bibliotecas como uma unidade mantenedora dos conhecimentos, da história e cultura de um povo, era comum a práticas de incendiar as bibliotecas de povos inimigos ao fim ou no decorrer de uma batalha, como

demonstração de poder e dominação, e assim, Júlio Cesar, que aspirava tomar o trono egípcio, queima as memórias e os conhecimentos de Alexandria ao dar fim à sua gigantesca biblioteca.

Muitas outras grandes bibliotecas marcam sua passagem na história, bem como a biblioteca de Assurbanípal, a biblioteca de Nínive, a biblioteca de Pérgamo, as bibliotecas monásticas, dentre outras; por mais significantes que tenham sido as trajetórias dessas magníficas instituições, não nos ateremos aqui em suas histórias. É importante mencionar e reconhecer estas bibliotecas como as primeiras grandes instituições da história, no entanto, esclarecemos que as ênfases desta investigação recaíram sobre o modelo de biblioteca universitária, já que o trabalho de campo e contexto desta pesquisa se desenvolveu neste espaço. Ainda nesta seção apresentaremos algumas características da biblioteca universitária.

Partimos, dessa breve explanação da Biblioteca como um espaço que acumula e preserva os registros do conhecimento, para apresentarmos a seguir algumas características da biblioteca universitária, buscando uma compreensão mais específica dos seus objetivos e funcionamento.

Daremos, portanto, um salto na história das bibliotecas com o objetivo de tratar com maior atenção sobre as especificidades das bibliotecas universitárias e do fazer científico. Alertamos que não há pretensão de esgotar o assunto sobre os vários tipos de bibliotecas existentes, mas ao contrário, apresentar muito brevemente estas instituições históricas supracitadas a fim de compreender a relevância da biblioteca para o livro, para ciência e vice-versa.

O surgimento da imprensa modificou os meios de comunicação e conhecimento científico na Europa, que antes então, não possuía um mercado de massa para tratados científicos, apenas para livros religiosos. A prensa possibilitou reproduções fidedignas de mapas, desenhos anatômicos, diagramas e representações da fauna e flora, coisas que se deterioravam rapidamente quando feitos com a técnica da xilografia. A imprensa também possibilitou que livros eruditos fossem amplamente mais acessíveis, permitindo aos pesquisadores consultarem textos antigos e compararem suas observações com a de outros cientistas (LYONS, 2011)

Contudo, essas facilidades que chegaram com a prensa não foram decisivas para a divulgação científica, pois havia-se ainda o conflito de interesses, pois com a difusão do conhecimento científico possibilitava a construção de pensamento e senso crítico e por isso, era necessário negociar a repressão da igreja católica.

Para publicar suas descobertas os cientistas precisavam de apoio real ou aristocrático e ainda assim podiam sofrer as perseguições da inquisição. Porém em países protestantes, geralmente era mais fácil de publicar, pois os editores protestantes podiam lucrar com os títulos banidos pelo índice católico⁹. (LYONS, 2011).

Como vimos, à invenção da prensa de tipos móveis possibilitou o aceleração na produção de livros, uma vez que não teria mais todo o labor do trabalho manuscrito, e com isso, surge um aumento na produção de livros, e por consequência, o aumento de produção científica que exigia a ampliação das bibliotecas, que viriam a se especializar em meados do século XVIII, de acordo com o tipo de leitor que atende e/ou o tipo de material de que compõe seu acervo.

Com relação a isto, podemos categorizar uma biblioteca atribuindo tipologias que representam suas especificidades e demandas nos contextos nos quais se inserem quanto a isso elas podem ser: bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, bibliotecas especializadas, bibliotecas infantis, bibliotecas escolares e bibliotecas universitárias. Nesta pesquisa damos ênfase às bibliotecas universitárias. Segundo Correa e Anzolin (2008, p. 806),

As Bibliotecas, devido às condições específicas como a fragmentação do conhecimento, e, também, a impossibilidade espacial e financeira de reunir em um único espaço toda a informação registrada disponível, são divididas em vários tipos, como: universitárias, públicas, especializadas, escolares, infantis, a exemplo. Cada uma delas com características específicas de acordo com o público e comunidade a que serve [sic]

Desta forma, as bibliotecas se especializam de acordo com seu público alvo, adequando seus serviços e acervo, para melhor atender as necessidades

⁹ *Index Librorum Prohibitorum* – “Lista de livros que os católicos eram proibidos de possuir ou ler. Preparada em 1558, a pedido do papa Paulo IV, pela congregação da inquisição, e publicada pela primeira vez em 1559. Teve 132 edições. Cancelada pelo Vaticano em 08/02/1966” (CUNHA; CAVALCANTI. 2008, p. 193).

informativos de seus usuários, e funcionarem plenamente dentro da comunidade a qual está inserida. A biblioteca universitária, por exemplo, inicialmente foi criada com intuito de guardar o conhecimento científico produzido nas universidades, se adequando posteriormente, para o apoio a pesquisa e a produção científica naquele espaço.

Martins (2001, p. 89) relata que “o grande acontecimento medieval e que, de certa forma, decide dos destinos de toda civilização, e por consequência, dos destinos do livro, é a fundação de universidades”. O autor aponta ainda que no início da sua origem as universidades eram de ordens eclesiásticas e que se laicizaram no decorrer do tempo. Seus acervos foram se formando a partir das doações de acervos particulares.

Isso quer dizer que, naquele momento da idade média, a origem das universidades se deu a partir das bibliotecas monásticas que era um modelo de biblioteca que tinha como único propósito a guarda e proteção dos livros. Seu acervo era trancado e o seu acesso era restrito às autoridades religiosas daqueles mosteiros. Eram nesses espaços, por volta dos séculos V e X, que ocorria a prática do *scriptorium*, onde os monges atuavam lendo, preservando, copiando e traduzindo os manuscritos daquela instituição (VIANNA, 2013).

Porém, foram esses ambientes de estudo que propiciaram o aparecimento das universidades em meados do século XII, no qual elas surgem na adjacência dessas bibliotecas e do conhecimento que ali era mantido. E assim, com o advento das universidades o acesso ao conhecimento tornou-se fundamental, pois desde o seu surgimento até os dias de hoje, a forma das suas bibliotecas tem mudado consideravelmente, mas a sua essência permaneceu a mesma: ser uma instituição capaz de oferecer acesso à informação para apoiar professores, alunos e pesquisadores no ensino, aprendizado e pesquisa científica (VIANNA, 2013).

Foi por volta do século XVIII, durante o período do iluminismo, que as instituições começam a pensar em fomentos para pesquisa e foi também nesse período que se popularizou o uso deste termo (BURKE, 2003). Trazemos esse incerto de Burke, pois como veremos a seguir, falar de Biblioteca universitária é falar sobre pesquisa e ciência. Segundo o autor ALFONSO-GOLDFARB (1994), “é no século XIX que se cria o termo ciência em seu sentido moderno. E a palavra

cientista passa a ser usada para nomear aqueles que se dedicam a estudos específicos” (*apud* Correa e Anzolin. 2008 p. 806)

As universidades se tornaram então, os grandes centros de produção de conhecimento e do fazer científico, e para isso, precisavam de um apoio para a fundamentação e o embasamento das pesquisas, além do armazenamento das suas produções. Essa demanda será atendida, portanto, pela biblioteca universitária. De acordo com Carvalho (1981, p.1) a biblioteca universitária é “a biblioteca de instituições de ensino superior - IES - destinada a suprir as necessidades informacionais da comunidade acadêmica, no desempenho de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão” (*apud* TARGINO, 1984. P.44). [sic]

A biblioteca universitária se caracteriza por ser uma organização social sem autonomia própria, o que quer dizer que está diretamente vinculada à universidade e dependente da mesma. Dito isso podemos entender que características da universidade, tais como se apresentam na descrição de suas funções, estrutura, grau de autonomia, influências que recebe do meio ambiente etc, refletirão na biblioteca universitária. (TARAPANOFF, 1982)

Notamos então que com o surgimento das universidades as bibliotecas passam por uma evolução onde deixam de ser apenas o “depósito de livros” assumindo para si novas funções como a disseminação do conhecimento. Neste sentido, o acervo passará agora a circular e a estar à disposição dos usuários. O acervo também passa a ser composto por outros tipos de materiais além dos livros, como por exemplo, os periódicos, que surgem da necessidade de uma comunicação científica mais eficaz entre pesquisadores (VIANNA, 2013).

Sáímos, portanto, de um projeto de biblioteca que atendia interesses particulares das igrejas, que restringia o acesso à informação como uma forma de controle e manutenção de um poder. Podemos supor que uma das grandes transformações desse espaço, é a tentativa de abertura do uso e acesso das informações e conhecimentos da biblioteca que vai culminar numa outra natureza, com novos objetivos fundamentalmente baseados na disseminação do conhecimento e não somente em seu depósito e guarda.

No tocante a evolução da biblioteca, temos a inclusão de novos tipos de materiais e meios de serviços que são possibilitados pelo avanço da tecnologia, como por exemplo, os sistemas de automação de bibliotecas, os novos suportes de livros, outros tipos de materiais que irão compor o acervo, e equipamentos especializados. O quadro abaixo reúne alguns destes materiais apresentados por períodos.

QUADRO 2: A Biblioteca Universitária em três períodos.

	BIBLIOTECAS TRADICIONAIS	BIBLIOTECAS AUTOMATIZADAS	BIBLIOTECAS UBÍQUAS¹⁰
ACERVO	Impresso	Impresso Multimídia	Impresso Online
CATÁLOGO	Listas e fichas (consulta presencial)	On-line	Acesso e pesquisa online a todo e qualquer catálogo disponível. Busca Federada.
EMPRÉSTIMO	Fichas impressas	Via sistema de automação	Via sistema de automação, auto empréstimo e auto devolução.

FONTE: (VIANNA, 2013).

Essas informações nos permitem perceber um pouco sobre o passo da evolução das bibliotecas através dos anos considerando a presença da tecnologia que nos permite a independência de enormes catálogos de fichas e listas gigantescas de títulos que a biblioteca possui porque os programas de automação possibilitam a localização dos títulos no acervo. Desse modo, torna-se possível realizarmos o empréstimo e a devolução a partir de uma máquina, além do acesso às inúmeras bases de dados e portais de periódicos por meio da busca federada, que acessa de forma remota, os conteúdos digitais assinados pela instituição. Todas essas novas possibilidades estão ligadas ao novo fazer social da biblioteca: a disseminação de informação e de conhecimentos.

Nas imagens a seguir, apresentamos duas práticas de recuperação e localização de informações, no contexto da biblioteca universitária, que representam momentos e processos distintos. A primeira imagem se refere ao processo manual de organização da biblioteca, o catálogo de fichas, que durante muito tempo foi o

¹⁰ De acordo com o dicionário Michaelis, ubíquo é onipresente, se refere ao que existe em toda parte ao mesmo tempo. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>

único processo adotado para esse fim. A segunda imagem apresenta a evolução deste serviço, do catálogo manual para o catálogo digital, em que a busca e as informações de localização são encontradas no software de automação de bibliotecas, facilitando e otimizando os processos de recuperação e localização dos materiais.

Figura 1 - Catálogo de fichas – SIBI-UFG



Fonte: Fotografado pela autora (2019)

Figura 2 - Página de recuperação de busca no catálogo digital –SIBI-UFG



Fonte: Catálogo digital SIBI-UFG

Podemos perceber, portanto, que a biblioteca evolui e se especializa de acordo com o meio ao qual está inserida e de acordo com as necessidades da comunidade a qual ela atende. Anteriormente, durante a idade média, a biblioteca atendia aos interesses eclesiásticos com a difusão da ciência e do fazer científico. A biblioteca perde o caráter de depósito e guardião dos saberes para se tornar uma instituição disseminadora, colocando os saberes que contém a disposição de seus usuários e abandonando a função de esconder. Já na era da informática, essa instituição se renova mais uma vez, atualizando serviços e formatos, de modo que possa servir esse usuário que tem pressa, podendo ser acessada remotamente de qualquer lugar.

Debateremos, porém, como dentro dessa evolução e falando a partir deste momento da biblioteca, que tem a função de difundir o conhecimento, apoiar o fazer científico, a biblioteca pode ainda proteger seu acervo, sem restringir o seu uso. Qual a importância de garantir a integridade do acervo físico para a disseminação da informação?

3 CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO: OS PROCESSOS POR TRÁS DA PRESERVAÇÃO

Já familiarizados com a trajetória do nosso objeto de estudo, o livro, trataremos agora sobre as relações de uso deste objeto, como ele deve ser manuseado e armazenado e quais implicações existem por trás desta discussão. Propomos refletir sobre a importância de mantê-lo em bom estado de conservação para o seu uso no contexto da biblioteca universitária, uma vez que a biblioteca como instituição deve cuidar e manter o seu acervo, de modo a garantir o serviço de empréstimo com obras integrais e em bom estado.

Podemos afirmar que um dos produtos mais notáveis de uma biblioteca é o seu acervo, ali está concentrado os materiais informacionais que alimentam aquela instituição e no caso das bibliotecas universitárias, os acervos são compostos majoritariamente por livros e periódicos científicos.

Conhecer a natureza dos materiais que compõe os acervos de bibliotecas e o comportamento destes diante dos fatores de deterioração aos quais estão expostos é a única maneira de se pensar e estabelecer métodos de combate aos elementos nocivos à conservação e impedir que os documentos se percam. (CASSARES, MOI. 2000) Isso se dá pelo fato de que diferentes materiais demandam diferentes tipos de cuidados e reparos para que seja possível mantê-los. Aqui nos ateremos aos aspectos relativos ao livro físico.

Temos a ciência de que alguns livros podem se tornar obsoletos com o passar do tempo por conta das atualizações das informações nele contidas, novas pesquisas e correntes de pensamentos que podem desvalidar de alguma forma os conteúdos ali registrados.

Porém é importante considerar a relevância de conteúdos históricos e literários e, mesmo nesses casos onde a informação já esteja supostamente ultrapassada, este livro não perde a sua importância, pois apresenta uma perspectiva histórica sobre o tema abordado, oferecendo a oportunidade de acompanharmos a evolução daquela ciência.

Como a maioria dos objetos, o livro também está suscetível à deterioração, sendo os agentes causadores variáveis: desde aspectos relativos ao clima, como a umidade e a poeira, os insetos e os microrganismos, como o mofo; até os problemas causados pela ação humana, como o manuseio, o armazenamento inadequado e

os maus hábitos de uso, tais quais, os grifos e dobras de páginas e marcações diversas.

Esses problemas inauguram e exigem dos profissionais da informação, novas dinâmicas para a preservação do material bibliográfico que compõe o acervo de uma biblioteca. Mas o que quer dizer preservação? Preservar, conservar e restaurar refere-se a uma só prática? Vejamos alguns conceitos.

De acordo com o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, preservação são “medidas empreendidas com a finalidade de proteger, cuidar, manter e reparar ou restaurar os documentos” (CUNHA; CAVALCANTI. 2008 p.290).

Baseando-se nesse excerto é possível compreender que a preservação é um termo chave quando se fala em conservar e restaurar, pois agrupam em seu significado todos esses processos. No quadro a seguir, apresentaremos os conceitos desses três termos, de modo a facilitar a compreensão de suas respectivas práticas.

QUADRO 3 – Conceitos Gerais sobre Preservação, Conservação e Restauração.

Preservação	É um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais.
Conservação:	É um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento).
Restauração:	É um conjunto de medidas que objetivam a estabilização ou a reversão de danos físicos ou químicos adquiridos pelo documento ao longo do tempo e do uso, intervindo de modo a não comprometer sua integridade e seu caráter histórico.

Fonte: (CASSARES; MOI. 2000, p. 12)

O processo de conservar, no amplo uso da palavra, refere-se a uma série de cuidados tomados para manter a integridade do livro físico. Dentro do conceito de conservação, temos ainda o conceito da conservação preventiva e conservação restauradora, está última refere-se às intervenções não danosas, feitas no material, com intuito de melhorar seu estado físico (SPINELLI JR; BRANDÃO; FRANÇA,

2011, p.4). Sobre conservação preventiva, os autores supracitados dizem que são ações:

[...] que contribuem direta ou indiretamente para a conservação da integridade dos acervos e dos prédios que os abrigam. São ações para adequar o meio ambiente, os modos de acondicionamento e de acesso, visando prevenir e retardar a degradação.

Notamos, portanto, que estas ações se referem às estratégias que irão ajudar a prevenir acontecimentos futuros. Quando se criam ambientes protegidos, seguros e livres de ameaças, neste caso as ameaças são os fatores que contribuem para a degradação de um livro, ou quando se investe em políticas informacionais com o objetivo de conscientizar os usuários de um acervo, evita-se que futuramente esta instituição despenda gastos onerosos para tentar recuperar seu material ou que até mesmo tenha prejuízos irreversíveis em relação aos materiais que compõem seu acervo. Ainda sobre a conservação preventiva Mársico (2006, p. 2) nos diz que,

a meta principal da conservação preventiva é o estudo e o controle das principais fontes de degradação do papel. Constitui-se na realidade, em uma série de medidas preventivas contra a ação dessas fontes de degradação, com a finalidade de evitar o alastramento e a disseminação de seus efeitos danosos.

Quando identificamos a tempo os possíveis danos ou brechas para futuras avarias, torna-se possível evitar maiores estragos e garantir uma maior vida útil ao livro. Para tal, faz-se necessário conhecer os fatores que causam a degradação do papel, para que se possam tomar as medidas corretas para a conservação preventiva. Estes fatores podem ser subdivididos em fatores intrínsecos e fatores extrínsecos, que tem respectivamente, relação com os componentes do papel e agentes físicos externos como temperatura, umidades e insetos (LUCCAS; SERIPIERRI, 1995).

Complementarmente Mársico (2006) discorre sobre os fatores intrínsecos de degradação, aos quais chama de fatores internos. De acordo com o autor,

os fatores internos de degradação são males inerentes à própria estrutura do papel e se originam do processo de feitura a que foi submetido. Dependem basicamente da qualidade da fibra e do tipo de encolagem utilizados na confecção do papel. Sendo assim, o único meio de minimizar esses fatores é através da estabilização das condições ambientais do local de guarda e do manuseio do público (MÁRSICO, 2006, p. 02).

A partir destas afirmações podemos notar, portanto, que o próprio material, no caso o papel, tem suas limitações no que tange a questão da durabilidade, e para que se possa manter sua integridade faz-se necessário pensar em práticas de conservação preventiva que irão salvaguardar sua estrutura delicada.

Conhecer os fatores de degradação extrínsecos ou externos auxiliará na preservação do acervo, uma vez que, são estabelecidos cuidados e procedimentos no armazenamento e manuseio dos livros, que por fim evitarão que o livro estrague e posteriormente se perca. Sobre os fatores externos de degradação, Mársico (2006, p.02) diz que

[...] há uma estreita relação entre a longevidade ou durabilidade do papel e as condições ambientais do acervo. Um controle racional e sistemático do meio ambiente não apenas diminui os problemas dos fatores internos de degradação do papel, como principalmente evita o seu alastramento. Os principais fatores externos de degradação são os seguintes: umidade, temperatura, luz, poluição atmosférica, insetos, roedores, fungos e bactérias.

Esses agentes citados pela autora se caracterizam como altamente danosos à estrutura do papel; com relação aos fatores ambientais citados (umidade, temperatura, luz, poluição). Desse modo, recorre-se a adaptação da instituição para evitá-los, no intuito de se adequar as condições que estão também ligadas, por exemplo, aos fatores biológicos de degradação citados, como os fungos e bactérias, os quais, segundo Luccas e Seripierri (1995, p.21) estão intimamente ligados ao alto teor de umidade e temperatura descontroladas”.

Sabemos, pelo dito popular, que é muito melhor prevenir do que remediar. Neste contexto o remediar seria os processos ligados à restauração. Para Mársico “a restauração é uma atividade técnica muito onerosa, pois exige equipamentos e materiais de alto custo além de mão de obra especializada” (MÁRSICO, 2006, p. 2). Aqui a autora ressalta a eficácia da conservação preventiva em detrimento aos processos de restauração. As técnicas de conservação representam um baixo custo financeiro com efetivação prática se comparada aos processos de uma restauração.

A conservação restauradora é direcionada aos livros que já sofreram danos que precisam ser estabilizados para que não progrida e cause a perda do documento. De acordo com as autoras Cassares; Moi (2000, p. 25):

estabilizar um documento é, portanto, interromper um processo que esteja deteriorando o suporte e/ou seus agregados, através de procedimentos

mínimos de intervenção. Por exemplo: estabilizar por higienização significa que uma limpeza mecânica corrige o processo de deterioração.

Isto nos mostra a importância das ações voltadas para os processos de conservação dos acervos com o objetivo de evitar que um material seja danificado ao ponto de necessitar de um procedimento de restauração, que como vimos, é mais complexo e oneroso do que as estratégias de conservação. Ainda sobre a estabilização de danos sobre os materiais, Spinelli Jr (1997, p. 18) explica que

a conservação, enquanto matéria interdisciplinar, não pode simplesmente suspender um processo de degradação já instalado. Pode, sim, utilizar-se de métodos técnico-científicos, numa perspectiva interdisciplinar, que reduzam o ritmo quanto possível deste processo.

Portanto, dentro da preservação a conservação preventiva é uma prática que atua de modo a precaver possíveis danos aos materiais informacionais adotando medidas protetórias que irão garantir maior vida-útil aos documentos, levando em consideração seu suporte (nesse caso dos livros, o papel) pensando em medidas que irão manter a integridade física deste objeto, de modo que, caso venha a sofrer alguma pequena avaria, a conservação restauradora conseguirá impedir que o problema se desenvolvesse, evitando assim que o material perca suas características básicas ou perda total do documento.

Além dos processos de degradação já citados, existe ainda outra categoria que se encaixa dentro dos fatores externos / extrínsecos, que são gerados através da ação humana, que podem ser provocados tanto pelos profissionais que trabalham junto ao acervo, como pelos usuários. Um bom exemplo disto, dentre tantos, seria a forma errada de acomodação dos livros nas estantes e até a forma com que são retirados dela, por isso faz-se necessário que ambos tenham esses conhecimentos ao interagir com o acervo de modo que se garanta a integridade do mesmo. Apresentaremos a seguir, uma lista de recomendações que fazem parte da ação de conservação preventiva, que podem ser direcionadas a profissionais e usuários, e que irão prevenir a degradação do acervo. Esta relação, embora extensa, é extremamente relevante para repensarmos nossas práticas de trabalho com os acervos, além de projetarmos ações de conservação preventiva.

QUADRO 4 – Recomendações Técnicas Para Conservação Preventiva

Recomendações		
Público Alvo: [P] Profissionais – [U] Usuários	[P]	[U]
Guardar os livros nas estantes em sentido vertical	[P]	
Evitar guardar os livros semi-inclinados, quando os mesmos não couberem nas estantes.	[P]	
Guardar os livros nas estantes em sentido horizontal, quando os volumes excederem em tamanho a área para a guarda em sentido vertical.	[P]	
Não sobrepor mais de três volumes ao guardar volumes em sentido vertical	[P]	
Manter sempre os volumes maiores como base ao guardá-los em sentido vertical	[P]	
Não superlotar as estantes com livros	[P]	
Reservar espaço de três milímetros entre cada livro para facilitar sua retirada da prateleira e evitar o atrito entre as capas (desgaste por abrasão)	[P]	
Utilizar bibliocantos para impedir que os livros tombem.	[P]	
Não puxar os livros pelo topo (cabeça) ao retirá-lo das estantes, os volumes devem ser retirados da estante pelo centro da lombada.	[P]	[U]
Não manter mapas, documentos, periódicos etc. dobrados ou enrolados. Ao longo do vinco cria-se uma linha de fragilidade nas fibras do papel, ocasionando a médio prazo a ruptura dessa área.	[P]	
Manter os documentos, mapas e jornais planificados.	[P]	
Não umedecer as pontas dos dedos com saliva para virar as páginas do livro.		[U]
Não dobrar as margens superiores ou interiores das folhas para marcar as páginas.		[U]
Evitar encapar os livros com papel pardo ou similar. Essa aparente proteção contra a poeira causa, na realidade, mais dano do que benefício ao volume em médio e curto prazo.	[P]	
Não utilizar fitas adesivas tipo durex e fitas crepes, cola branca (PVA)	[P]	[U]

para evitar a perda de um fragmento de um volume em degradação. Esses materiais possuem alta acidez, provocam manchas irreversíveis onde aplicado.		
Usar cola metil-celulose em todo o trabalho de conservação e na rotina de trabalhos diários. Essa cola é livre de acidez e facilmente reversível.	[P]	
Não utilizar grampos e clips metálicos, esses materiais enferrujam com o correr do tempo, deixando, no local aplicado, manchas marrons, oxidando o papel, causando o rompimento das fibras com subsequente rasgo do papel.		[U]
Evitar a incidência direta de luz solar sobre o acervo, a luz solar provoca o esmaecimento de cores, amarelamento do papel e esfacelamento do couro.	[P]	
Evitar a utilização de lâmpadas ricas em radiação de ultravioleta, tais como as lâmpadas fluorescentes.	[P]	
Suspender ou afastar as luminárias que incidam sobre as estantes dos livros.	[P]	
Colocar cortina ou persiana em portas e janelas de vidro, a fim de evitar a incidência direta de luz solar nas estantes.	[P]	
Não encostar as estantes nas paredes: evita-se que a umidade presente nas paredes se transmita aos volumes.	[P]	
Colocar telas protetoras contra insetos nas janelas de bibliotecas situadas em locais de muita vegetação.	[P]	
Trocar os vidros quebrados de todas as janelas, consertar janelas e portas danificadas; com esse procedimento evita-se a penetração de poeira e insetos no acervo.	[P]	
Não abrir os livros que forem atingidos diretamente por água e que estejam com as folhas molhadas.	[P]	[U]
Intercalar papel mata-borrão para secar as folhas e as capas de livros atingidos por água.	[P]	
Nunca secar os livros molhados com calor: sol, forno de cozinha, secador de cabelo. O calor em excesso faz o papel secar muito	[P]	[U]

rapidamente, causando ondulação do material.		
Usar as duas mãos para virar as páginas de jornal: segurar no topo e no pé da página para virá-lo.	[P]	[U]
Usar lápis 6B, quando precisar fazer anotações de identificação no livro. [Apenas para controle da Biblioteca]	[P]	
Não riscar, grifar, sublinhar e escrever nas páginas dos livros.		[U]
Controlar o manuseio e orientar o público.	[P]	
Optar por encadernação inteira, ao mandar encadernar um livro. Não sendo possível fazer encadernação inteira, optar por encadernação meia com cantoneiras.	[P]	
Evitar excesso de tinta nos carimbos.	[P]	
Manter uma política voltada para a higienização do acervo	[P]	

Fonte: Adaptado de (MÁRSCICO, 2006, p.7/8)

O quadro nos mostra as recomendações indicadas pela autora (MÁRSCICO, 2006), o qual encaixamos um direcionamento voltado àqueles que mantêm contato com os acervos que são os profissionais e os usuários de cada instituição. Aqui subentendemos que os usuários possuem livre acesso ao acervo e por isso, recebem as instruções marcadas em verde para o manuseio do livro desde a saída da estante até a leitura. Subentende-se também que os profissionais (Bibliotecários, Arquivistas e Restauradores) não cometeriam “faltas simples” como as que estão marcadas apenas em verde, com relação ao manuseio dos livros. A imagem a seguir foi capturada pela autora desta pesquisa em seu trabalho de campo que será apresentado nas seções a seguir e exemplifica práticas incorretas em relação ao armazenamento dos livros. Estas práticas, ao longo do tempo, vão contribuir para um processo de degradação do material.

Figura 3: Livros acomodados de maneira incorreta



Fonte: Fotografado pela autora (2019)

A imagem acima exemplifica, portanto, dois dos fatores danosos citados na tabela. O primeiro erro apresentado na acomodação dos livros que pode gerar danos consiste no fato de os livros mais grossos devem ser guardados na posição horizontal, e não na vertical como está na foto.

Em segundo lugar, os livros devem ter um espaço entre si para que se possa retirá-los segurando no meio da capa e não puxando a parte de cima da lombada com os dedos, o que enfraquece a lombada e consequentemente a estrutura do livro, além de forçá-los a dobrarem desta maneira ao apertarem uns aos outros para que se apoiem e para otimizar espaço na estante.

A imagem abaixo mostra os danos causados ao retirar os livros da estante de forma incorreta, puxando-os pela lombada superior, um erro induzido pela falta de espaço entre um livro e outro, e também pela falta de orientação adequada.

Figura 4 - Livros com lombadas danificadas.



Fonte: Fotografado pela autora (2019)

A restauração se apresenta como outra possibilidade de ação dentro da experiência da preservação. De acordo com Cassares (2008, p.38), a restauração “consiste em ações diretas no bem cultural danificado ou deteriorado com o objetivo de facilitar a sua percepção, apreciação e riscos potenciais de compreensão, respeitando suas propriedades estéticas, históricas e físicas”.

Logo podemos dizer que o processo de restauração preza por devolver ao documento as características fidedignas do seu estado original, e, portanto, requer utilização de equipamento e infraestrutura adequados e profissionais capacitados para tal prática (LUCCAS; SERIPIERRI, 1995).

Dentro destas afirmações sobre o processo de restauração podemos notar, que, comparado aos processos da conservação, a etapa final da preservação de um material danificado, a restauração, mostra-se como um trabalho mais dispendioso que demanda qualificação profissional e ferramentas especializadas. Isso aponta, mais uma vez, para a suposição de que os métodos preventivos seriam mais eficazes, e que esta seria uma opção mais viável para as instituições, que deveriam, por sua vez, adotar uma política de preservação, mantendo uma oficina para

pequenos reparos e garantindo à instituição, o poder de preservar o seu acervo através das técnicas de conversação preventiva e restauradora.

Contudo, inda há problemas a se enfrentar nesse quesito, as pesquisas e publicações dentro dessa área, principalmente voltadas para a biblioteca, são praticamente escassas. Teriam os bibliotecários a autonomia necessária e os conhecimentos básicos referentes a esses processos? Para responder tais questões fizemos um levantamento através do site E-mec¹¹, listando as universidades públicas (federais e estaduais) que oferecem o curso de Biblioteconomia. Pesquisamos através dos sites dessas instituições quais destes cursos oferecem as disciplinas voltadas para essa temática de preservação de acervos bibliográficos, e o resultado apresentamos no quadro abaixo:

QUADRO 5 – Presença das disciplinas de Conservação e Restauração nos cursos de Biblioteconomia nas Universidades Públicas.

IES	Possuí Disciplina relacionada ao tema?	Nome da Disciplina	Núcleo da Disciplina
Universidade Federal do Pará (UFPA)	Não	-	-
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	Não	-	-
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	Não	-	-
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Sim	Técnicas de Preservação e Restauração de Documentos	Optativa
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Sim	Conservação e Restauração de Documentos	Optativa
Universidade Federal do Ceará (UFC)	Sim	Conservação Preventiva dos Documentos	Optativa
Universidade Federal do Cariri	Não	-	-

¹¹ Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>

(UFCA)			
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Não	-	-
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Não	-	-
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Sim	Preservação de Documentos Conservação e Restauração de documentos	Obrigatória Optativa
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	Não	-	
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Sim	Preservação de Documentos Impressos e Digitais	Optativa
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Sim	Conservação e Restauração de Documentos	Optativa
Universidade Federal de Brasília (UNB)	Sim	Conservação e Restauração de Documentos	Optativa
Universidade Federal de Goiás (UFG)	Não	-	-
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	Não	-	-
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Não	-	-
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Sim	Preservação do Acervo	Obrigatória
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Sim	Política de Preservação de Acervo Bibliográfico	Obrigatória
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Sim	Conservação e Preservação de Suportes Informacionais	Obrigatória
Universidade	Sim	Conservação e	Obrigatória

Federal Fluminense (UFF)		Restauração de Documentos	
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	Sim	Preservação Digital	Optativa
Universidade de São Paulo (USP)	Não	-	-
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	Não	-	-
Fundação Universidade de Santa Catarina (UDESC)	Não	-	-
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Não	-	-
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Sim	Preservação Digital	Optativa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Sim	Fundamentos da Preservação de Documentos	Obrigatória
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Não	-	-

O quadro nos mostra que dentre as vinte e nove instituições pesquisadas apenas onze possuem disciplinas voltadas para a preservação de acervos físicos, o que configuram menos da metade, e destas dez, somente seis são do núcleo obrigatório. Apenas três das instituições pesquisadas já oferecem base para a preservação de acervos digitais, o que nos permite concluir que esta área de estudo está pouco presente na formação dos bibliotecários do país. As autoras Luccas e Seripierri (1995, p. 9-10) acreditam que

muitas mudanças se realizarão quando as faculdades de Biblioteconomia fizerem a inclusão obrigatória nos currículos de seus cursos da cadeira de “Conservação de Acervos Documentais”; como também quando a direção das bibliotecas, principalmente as universitárias se imbuírem da grande necessidade de estabelecer uma política de preservação e conservação que promovam a diminuição dos danos do acervo, e acreditarem que uma pequena oficina com pessoal treinado, resolve muitos problemas.

Nesta pesquisa nos alinhamos a esses pensamentos, pois por intermédio dos cursos de Biblioteconomia mais pesquisas e debates voltados para os temas relacionados à preservação podem surgir, contribuindo para conscientização e desenvolvimento da área.

Portanto é por meio desta revisão literária e da pesquisa de campo que será apresentada nos capítulos seguintes, que buscaremos comprovar a importância da oficina de pequenos reparos vinculada à biblioteca universitária.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentaremos a abordagem metodológica adotada para a pesquisa, além dos caminhos percorridos durante o trabalho de campo para a construção desta investigação, com o objetivo de conectar as discussões teóricas colocadas nos capítulos anteriores e a prática desenvolvida durante o trabalho de campo.

De acordo com Gil (2008, p.08), pode-se definir método como caminho para se chegar a um determinado fim. Já a definição de método científico diz respeito ao conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir um determinado conhecimento ou processo. Portanto, nesta sessão, apresentaremos os caminhos escolhidos e percorridos para atingirmos nossos objetivos no desenvolvimento desta pesquisa, que era o de evidenciar a importância de um departamento voltado especificamente para as atividades de conservação e restauração para a preservação de acervos bibliográficos. Deste modo, unimos a pesquisa teórica que nos apresenta uma abordagem histórica e conceitual sobre o objeto livro com o trabalho de campo desenvolvido na Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva (BSCAN), mais especificamente na Oficina de Livros, que faz parte desta instituição.

Entendemos que esta pesquisa está inserida naquilo que conhecemos como pesquisa qualitativa. Trata-se de uma metodologia cuja abordagem investigativa prioriza elementos diferentes da pesquisa quantitativa que trabalha com valores estatísticos e numéricos. Na pesquisa qualitativa os elementos valorizados são muitas vezes de caráter subjetivo e que são coletados por meio de técnicas tais como: observação, entrevistas, diários de campo, recursos audiovisuais, discursos que podem aferidos a partir de análises e interpretações etc. Os dados levantados em uma pesquisa, a partir dos elementos qualitativos, podem ser qualificados por meio de estratégias como a permanência prolongada no campo de trabalho, a análise de dados levantados pelos elementos qualitativos em relação a dados estatísticos, dentre outras técnicas.

Segundo Minayo (1994, p.22) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Portanto, ao abordarmos

análises ditas qualitativas, devemos compreender os dados adquiridos através da pesquisa levando em considerações os aspectos subjetivos da instituição estudada e que serão avaliados do ponto de vista particular da pesquisadora, a qual trás consigo experiências e vivências singulares a respeito da instituição, utilizando para isso um arcabouço teórico e prático, os quais partes foram ou serão apresentados neste estudo.

Considerando as questões colocadas em torno da pesquisa qualitativa, podemos afirmar que esta investigação se apropriou de alguns elementos qualitativos de investigação, tais como a observação, o uso de registros visuais, a manutenção de um diário de campo cujas anotações ajudaram a reconstruir os acontecimentos do trabalho de campo, a participação nas atividades realizadas na biblioteca, desde o envolvimento direto com a Oficina de Livros até a execução de uma proposta de exposição, que será relatada a seguir na descrição do campo.

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa classifica-se como um estudo de caso, que é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado (GIL, 2008, p.57-58), pois analisa de perto as situações vividas dentro do espaço da oficina de livros da BSCAN, buscando observar a relevância dos processos de preservação de livros, tais como a conservação e a restauração, que respectivamente podem se traduzir em cuidados específicos com esses materiais e a manutenção dos mesmos.

Para além do campo da pesquisa qualitativa, foram explorados elementos da pesquisa quantitativa a partir de alguns dados estatísticos que revelam informações importantes para uma avaliação sobre o modo como os procedimentos de preservação acontecem na biblioteca, por meio da atuação da Oficina de Livros, além de nos ajuda a observar o grau de envolvimento da comunidade usuária com os cuidados entendidos como obrigatórios para a preservação do acervo local.

4.1 OS AMBIENTES DA PESQUISA E O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

A motivação para este estudo surge durante a disciplina de estágio curricular obrigatório realizado durante os meses de agosto até dezembro no ano de 2019, na oficina de pequenos reparos da Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva (BSCAN) que está ligada ao Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás (SIBI – UFG).

A UFG, segundo seus princípios e finalidades, de ensino, pesquisa e extensão se caracteriza com uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES). Segundo informações do site¹², o estatuto da universidade assegura o respeito a todos e o pluralismo de ideias, sem discriminação de qualquer natureza, pois os valores da instituição pregam primordialmente o respeito à diversidade sociocultural e a liberdade de expressão.

Atualmente a UFG conta com mais de 150 cursos de graduação proporcionalmente distribuídos entre suas regionais e campus que estão presentes em quatro cidades além da capital: Aparecida de Goiânia, Catalão, Cidade de Goiás e Jataí. Além dos cursos de graduação, a UFG oferece, segundo o site, 78 cursos de pós-graduação strictu-sensu distribuídos entre mestrados, doutorados e mestrados profissionais.

Conforme explicitado na sessão “Ciência, universidades e biblioteca”, a biblioteca universitária tem como função primordial o apoio ao desenvolvimento de pesquisas da universidade por meio da divulgação e disseminação de informação, além de sustentar as outras finalidades da instituição, como o ensino e os projetos de extensão.

É neste contexto, que se encontra inserido o Sistema de Bibliotecas da UFG (Sibi-UFG), que tem como função primordial apoiar o ensino e a extensão da universidade. O Sibi-UFG conta hoje com dez unidades de bibliotecas, sendo uma Biblioteca Central (BC), onde se concentra a gerência de todo o sistema, e nove seccionais: Biblioteca Seccional Campus Aparecida (BSCAP); Biblioteca Seccional Centro de Ensino e Pesquisa Aplicados a Educação (BSCepae); Biblioteca Seccional Letras e Linguística (BSLL) ; Biblioteca Seccional Museu Antropológico (BSMA); Biblioteca Seccional Regional Catalão (BSRC); Biblioteca Seccional Regional Goiás (BSRGO); Biblioteca Seccional Regional Jataí - Riachuelo (BSREJ Riachuelo) e Biblioteca Seccional Seccional Regional Jataí – Flor do cerrado (BSREJ Flor do cerrado).

O SIBI-UFG foi em 24 de agosto de 1973, com a junção de 13 bibliotecas já existentes dentro de suas respectivas faculdades, transferindo esses acervos para a

¹² <https://www.ufg.br/>

faculdade de Direito e dando origem a Biblioteca Central UFG. Em 1989, o novo e atual prédio foi construído no Campus Samambaia, a transferência de local exigiu que o acervo fosse dividido e assim surgiu a Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva (BSCAN).

A BSCAN faz parte das nove bibliotecas seccionais que compõe o Sibi-UFG e está localizada no Setor Leste Universitário, em Goiânia, onde atende a comunidade acadêmica do Campus Colemar Natal e Silva, que é o seu público-alvo. Além disto, a biblioteca também atende a comunidade em geral, que também têm acesso aos espaços da biblioteca e ao acervo, porém com restrições quanto ao empréstimo devido à falta de vínculo com a universidade. Seu acervo é composto majoritariamente por materiais informacionais nas áreas da Saúde, Educação, Direito, Engenharia e suas modalidades, somando um montante estimado em 32.353 títulos e 59.493 exemplares de livros.

O prédio da BSCAN conta com três andares, nos quais se distribuem entre acervo geral, sessão de periódicos, salas de estudos coletivo e individual, centro de informática, escaninho, espaço para reprografia, espaço de convivência, administração, processamento técnico, sessão de referência e a oficina de restauração de obras, que é o foco desta pesquisa.

Localizada no térreo, a oficina de livros realiza o trabalho de reparo e restauração de obras deterioradas do acervo da BSCAN, onde se encontram distribuídas as ferramentas de trabalho para os processos de recuperação e preservação dos livros. A oficina conta com dois espaços simultâneos de realização de tarefas, denominados mesa seca e mesa molhada. Cada um desses espaços é utilizado para tipos específicos de atividades relacionadas ao reparo de livros, sendo a primeira utilizada para processos que requerem o uso de cola e que corresponde a um tipo de processo que é predominante. A mesa seca, por sua vez, é utilizada para os demais processos, como a limpeza e a revisão final do material.

A maioria das ferramentas utilizadas foram construídas de forma improvisada ou possuem versão obsoleta o que diminuem a eficácia de trabalho, sem contar a escassez de material de trabalho devido aos cortes sofridos pela universidade, além disto, a oficina conta com apenas um profissional para trabalhar com os processos

de preservação o qual, ao ser designado ao trabalho na oficina buscou qualificar-se para atender as demandas que a oficina exigia.

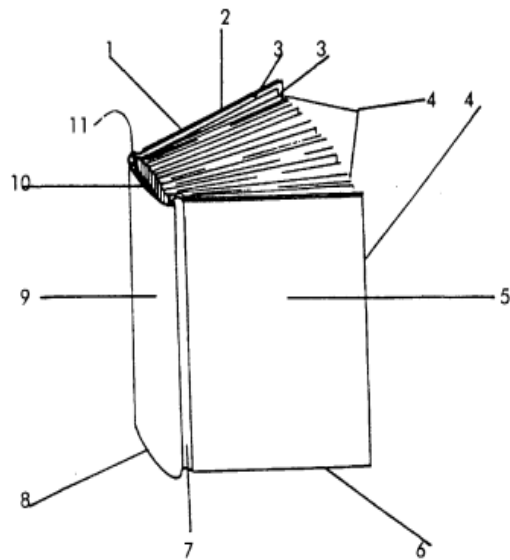
No dia-a-dia de trabalho há uma ordem de processos a serem seguidos, formando uma esteira de produção de modo a otimizar o tempo e agilizar os processos. A rotina de trabalho tem início com a avaliação do acervo, que busca identificar os livros que precisam de uma atenção urgente, considerando seu estado precário de conservação e que em seguida são encaminhados para a oficina de livros em busca do trabalho de restauração. Existem também os livros de alta demanda de empréstimo, os quais estão começando a sofrer efeitos do desgaste e uso contínuo. Nestes casos a oficina de livros atua reforçando as estruturas daqueles materiais para evitar futuros desgastes mais graves que possam levar os materiais ao descarte.

Após a seleção, os livros são retidos no sistema da biblioteca e dão entrada na oficina de reparação, a partir disso serão avaliados para que se identifique o tipo de serviço que necessitam, e então são preparados e enviados para as mesas de trabalho de acordo com suas demandas. Dentre os livros que chegam à oficina, alguns acabam não voltando ao acervo. Isso acontece porque são identificadas inviabilidades no processo de reparação e por isso esses livros são encaminhados para o descarte. O descarte é a última opção deste processo, e só é considerado nos casos em que o livro não apresenta mais condições de reparo sem perder suas características essenciais. Após a realização dos serviços de reparo, o livro passa por uma revisão final antes de voltar para o acervo.

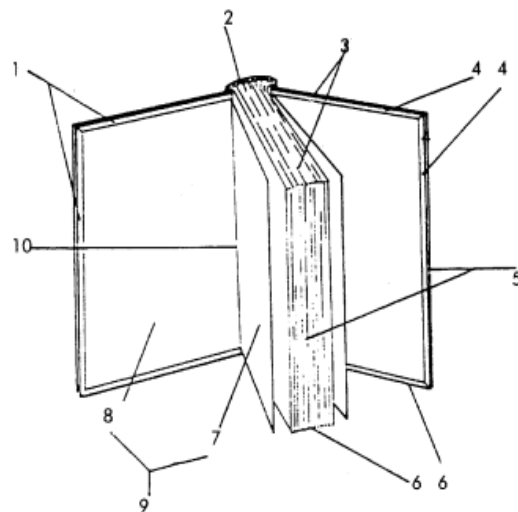
Dentre os procedimentos mais realizados pela oficina podemos apontar a reposição de lombada, encadernação e reposição de capa. A seguir apresentamos algumas imagens que nos ajudam a identificar as estruturas do livro, cuja compreensão é fundamental para os trabalhos que envolvem os procedimentos de restauração, recuperação e conservação, além de alguns exemplos e ilustrações dos procedimentos citados anteriormente.

Figura 5 - Estruturas do livro

1. pasta posterior ou costa
2. corte da cabeça
3. seixa
4. corte da frente
5. pasta anterior ou frente
6. corte do pé
7. canaleta anterior ou encaixe
8. pé do livro
9. lombada da capa
10. cabeça do livro
11. bolsa ou fole



1. seixa
2. cabeceado
3. corte da cabeça e cabeça
4. seixa
5. corte da frente e frente
6. corte do pé e pé
7. guarda volante
8. contraguarda ou espelho da guarda
9. guardas
10. canaleta interior ou encaixe



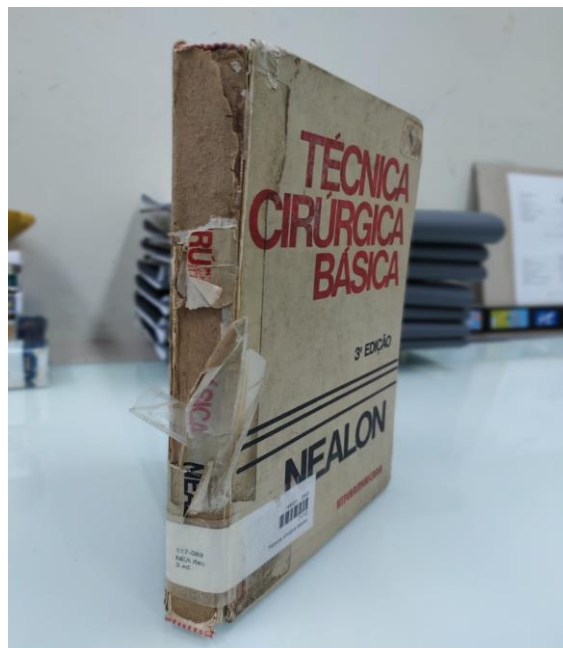
Fonte: Milevsky, Robert J. (2001)

Tendo apresentado ao leitor as nomenclaturas técnicas das estruturas do livro, podemos agora descrever o trabalho prático desenvolvido para este estudo, a fim de que possamos alcançar certa compreensão das relações da biblioteca universitária, neste caso a BSCAN, com os processos de preservação do seu acervo.

Conforme citado acima, um dos processos de restauração mais realizados na oficina de pequenos reparos é a reposição de lombada. Este procedimento é

realizado naqueles livros os quais a capa se mantém em bom estado e cuja lombada esteja deteriorada. A principal causa de deterioração de lombada identificada refere-se ao problema indicado nas imagens 3 e 5 apresentadas na sessão anterior. Para ilustrar cada um dos processos citados, selecionamos algumas imagens realizadas durante a prática dos mesmos.

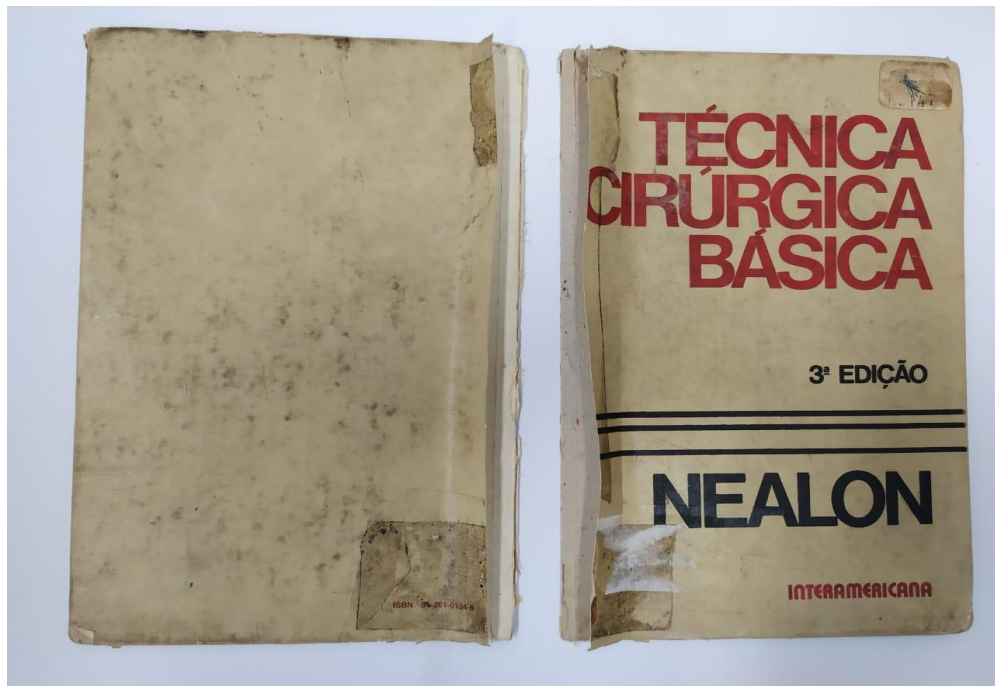
Figura 6 - Livro com lombada danificada



Fonte: Fotografia da autora (2019)

O livro apresentado na imagem acima mostra a lombada completamente comprometida. Já não é possível identificar a partir dela as informações que geralmente ficam nesta parte do livro como o título e autoria. Além disto, a perda da lombada pode ocasionar futuramente a perda da capa e a soltura das folhas do livro.

Figura 7 - Separação de capas



Fonte: Fotografia da autora (2019)

Uma das primeiras etapas deste processo, representado pela imagem acima, consiste em separar a capa do miolo do livro, com cautela para que não haja dano ao material. Após separar as capas, abre-se no canto de cada uma, uma pequena fenda, conforme a imagem apresentada, onde será encaixada a nova lombada.

A reposição de lombada reforça a estrutura da capa, sendo possível manter a capa original do livro e garantir maior estabilidade do livro na estante.

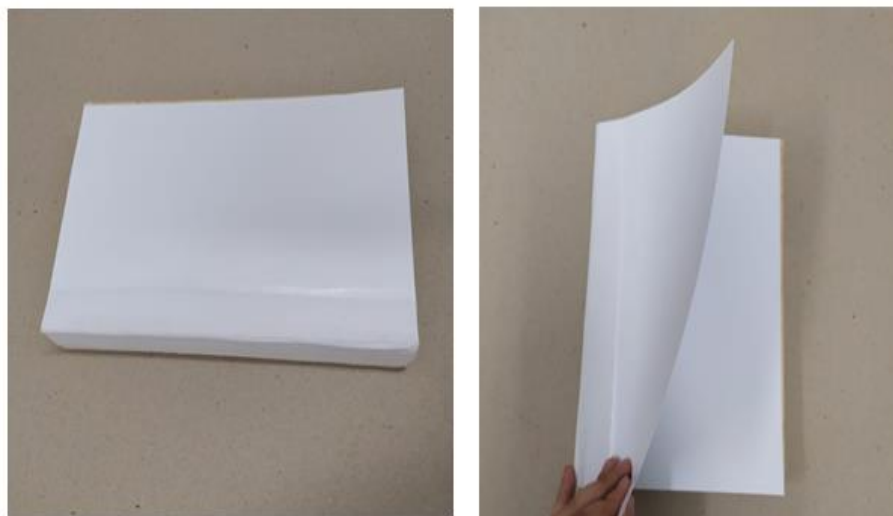
Figura 8 - Miolo do livro



Fonte: Fotografia da autora

Nesta etapa, para que a lombada nova não se mova e esteja bem fixa ao livro, é necessário limpar todo resto de material que tenha sobrado ao retirar a capa. A limpeza do material exige a retirada de todo esse papelão sobressalente e de todo material adesivo que segurava a lombada antiga. Na imagem a seguir, veremos o processo de reposição de guarda e contraguarda, componentes de ajudam na fixação da capa ao miolo do livro.

Figura 9 - Colocação de guarda e contraguarda



Fonte: Fotografia da autora (2019)

A colocação de guarda e contraguarda é uma etapa fundamental que é feita sempre quando se separa a capa do miolo do livro, as folhas de guarda e a contraguarda são elementos que ajudam na fixação do livro à capa, permitindo a abertura plena do livro. Este procedimento foi realizado em todos os casos que serão apresentados, pois todos passaram por recolocação de capa. A seguir a imagem que ilustra a reconstrução da lombada.

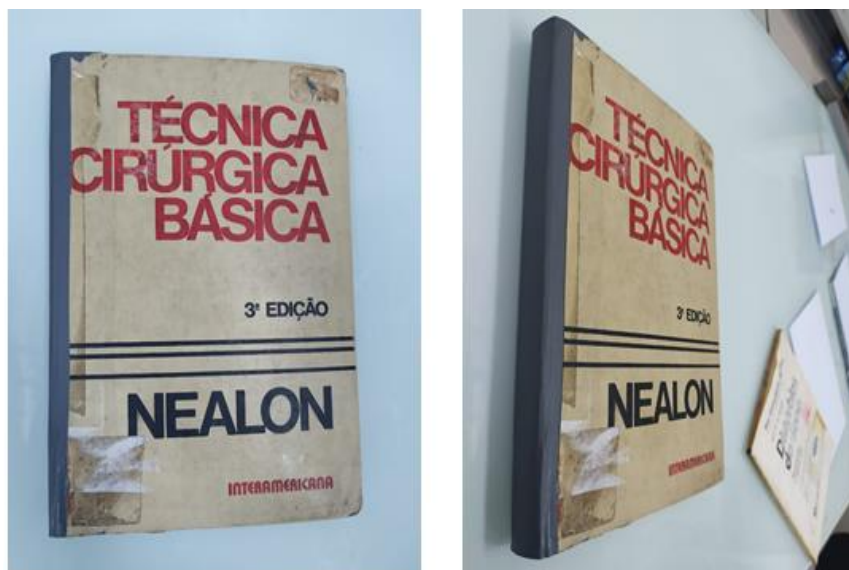
Figura 10 - Montagem da lombada



Fonte: Fotografia da autora (2019)

A lombada é preparada com um papelão rígido e percalux, um material de aspecto emborrachado que lembra o couro sintético. As laterais do percalux entrarão nos seixos feitos nas capas dos livros, enquanto o papelão ficará posicionado na área da lombada do livro. A imagem a seguir apresenta o livro finalizado.

Figura 11 - Livro com lombada restaurada

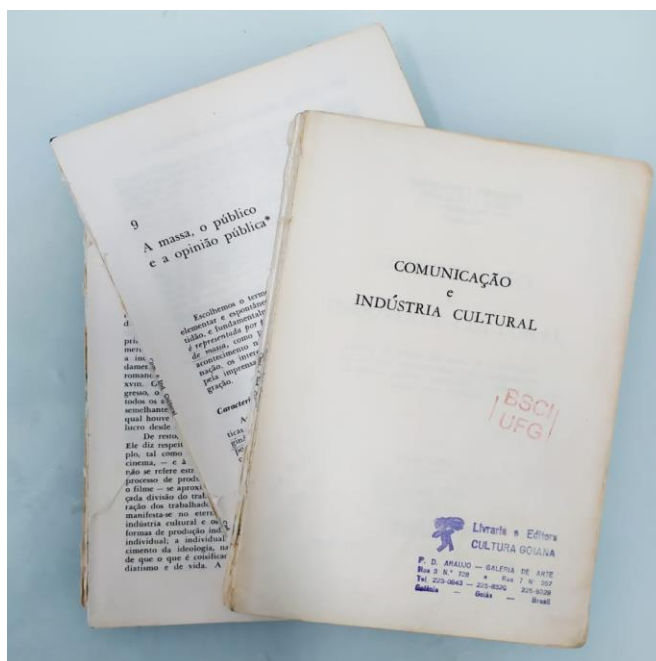


Fonte: Fotografia da autora (2019)

Com a lombada finalizada o livro receberá novamente sua etiqueta de classificação e estará pronto para retornar à estante. Os procedimentos apresentados até aqui dizem respeito à recuperação do livro com a manutenção de sua capa original.

A depender do grau de degradação do livro, ele será submetido a outros procedimentos. O processo de encadernação, por exemplo, ocorre quando o material já perdeu completamente a sua capa original, devido o mau uso e ao armazenamento indevido. Na imagem abaixo vemos um livro que passou pelo processo de encadernação na oficina de pequenos reparos. As fotos mostram a sequência dos procedimentos, desde a sua chegada à oficina, até a sua saída.

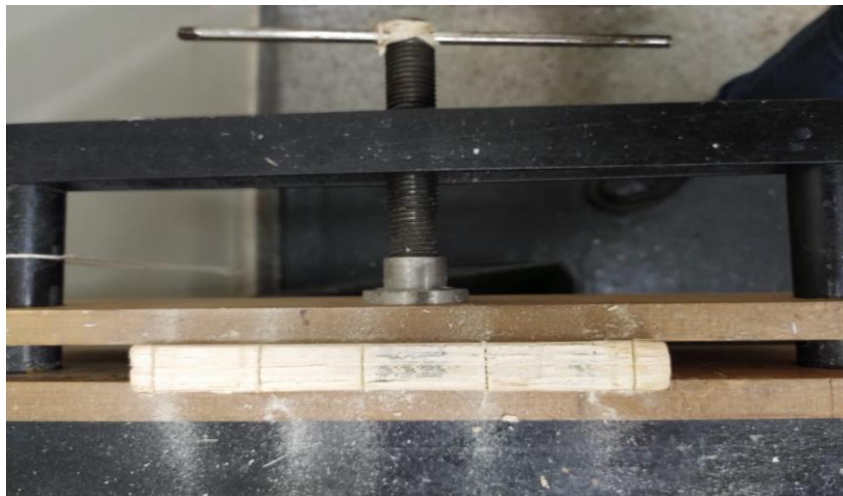
Figura 12 - Livro com ausência de capa e com páginas soltas



Fonte: Fotografia da autora (2019)

Para começar o trabalho de encadernação, primeiramente é feita a limpeza do material. Isto faz parte da preparação do livro para que receba sua nova capa. O livro da imagem apresentava folhas soltas além da ausência da capa, portanto, organizam-se as folhas em ordem para que sejam reagrupadas na ordem correta antes de recolocar a capa.

Figura 13 - Preparação do livro para costura



Fonte: Fotografia da autora (2019)

Para reunir novamente as páginas do livro é necessário que se ajuste todas as folhas com auxílio de uma prensa, conforme mostra a imagem. Em seguida, com o auxílio de uma segueta¹³, pequenas fendas na lombada do livro, para que se possa assim costurar novamente suas páginas. A prensa utilizada na oficina da BSCAN, para este procedimento, é resultado de uma improvisação de um equipamento construído pelo restaurador, que afirma não ter a precisão de um equipamento profissional, o que impacta no resultado de seu trabalho. Com as fendas abertas, é possível costurar as páginas conforme mostra as imagens abaixo.

¹³ Pequena serra utilizada para cortar madeira, ferro e outros materiais.

Figura 14 - Costura do livro

Fonte: Fotografia da autora (2019)

Figura 15 - Livro costurado

Fonte: Fotografia da autora (2019)

Depois de costurado, o livro recebe uma mão de cola na costura para que se crie uma película emborrachada que dará mais resistência ao material, evitando que as folhas se soltem novamente. Após esta etapa, o livro fica pronto para receber uma nova capa. A seguir, apresentamos uma imagem do procedimento de costura e colagem da costura pronto.

Figura 16 - Livro com as páginas reagrupadas

Fonte: Fotografia da autora (2019).

Com o livro pronto para ser encadernado, a próxima etapa é a de montagem da capa. Quando se trata de um livro mais grosso, como é o caso do exemplo aqui exposto, o procedimento adequado é o de encaderná-lo com uma capa dura de modo a acomodar melhor as suas folhas, garantindo o grau correto de abertura da capa, além de proteger melhor o interior do livro, evitando que perca novamente suas páginas. A nova capa do livro é preparada utilizando um material de papelão, cuja gramatura irá garantir a rigidez, proteção e durabilidade do livro. O exemplo a seguir, mostra este procedimento.

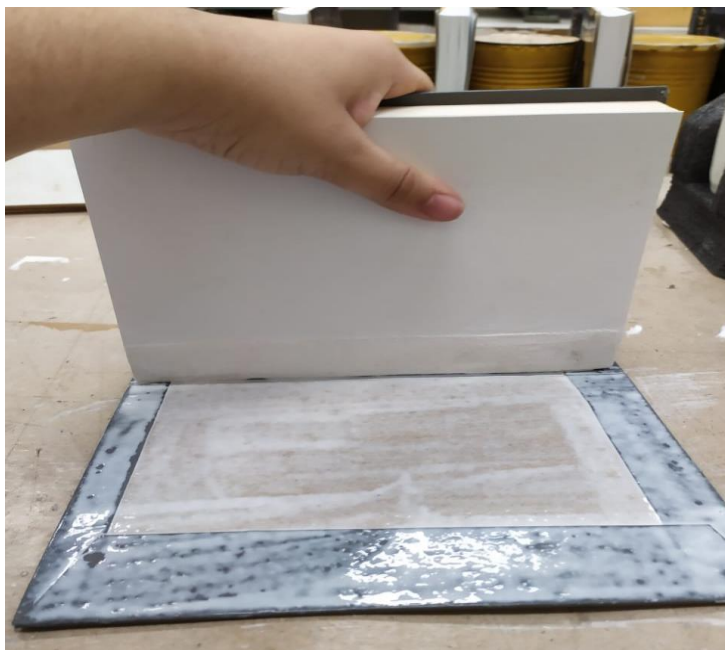
Figura 17 - Composição de capa



Fonte: Fotografia da autora (2019).

As capas duras para encadernação são confeccionadas dentro da oficina pelo próprio restaurador, utilizando uma base de papelão as quais levam em consideração as medidas do livro, sendo revestidas por percalux. Com a capa pronta, faz-se a colocação da guarda e contraguarda no livro e após esse processo recoloca-se a nova capa, conforme mostram as duas figuras abaixo.

Figura 18- Colagem de capa



Fonte: Fotografia da autora (2019)

Figura 19 – Encadernação finalizada

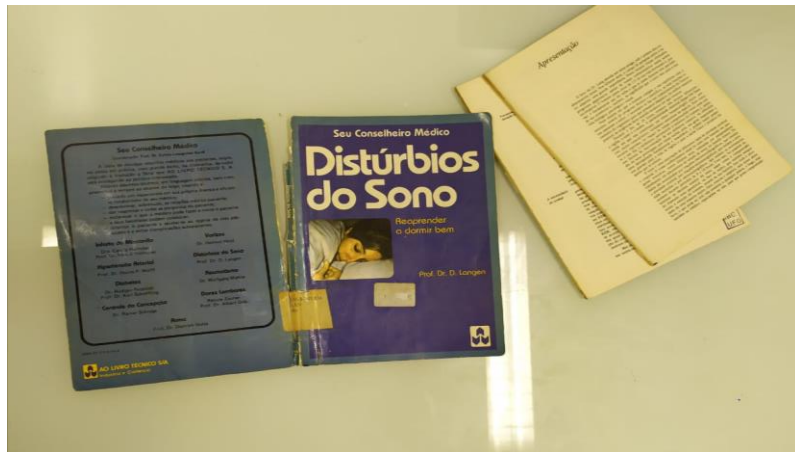


Fonte: Fotografia da autora (2019)

A imagem acima nos mostra o livro finalizado pronto para retornar ao acervo após passar por todos esses processos restaurativos. Após esta fase ele receberá novamente sua etiqueta de classificação e voltará à circulação dentro da biblioteca, ficando, portanto, disponível para novos empréstimos.

O último processo que apresentaremos trata-se da reposição de capa que se difere da encadernação no sentido de que não é necessária uma nova capa, apenas a recolocação da capa original que se soltou do miolo do livro. Nas imagens a seguir, podemos acompanhar este procedimento.

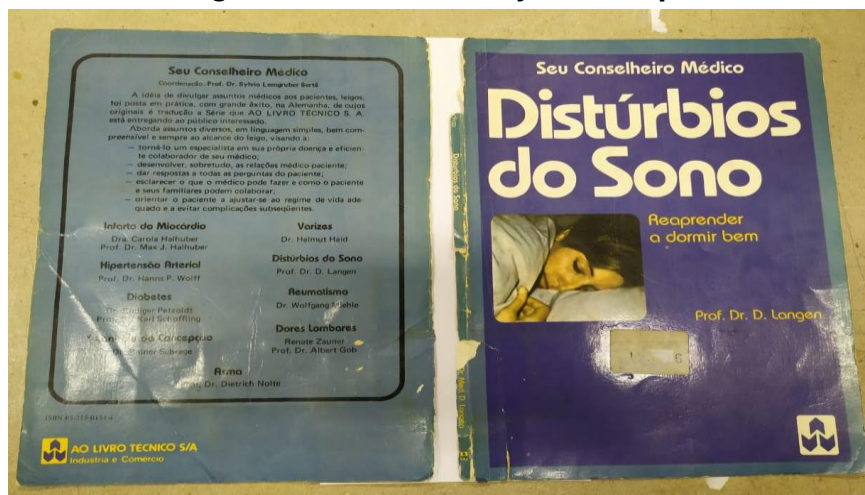
Figura 20 - Livro com folhas e capas soltas



Fonte: fotografia da autora (2019)

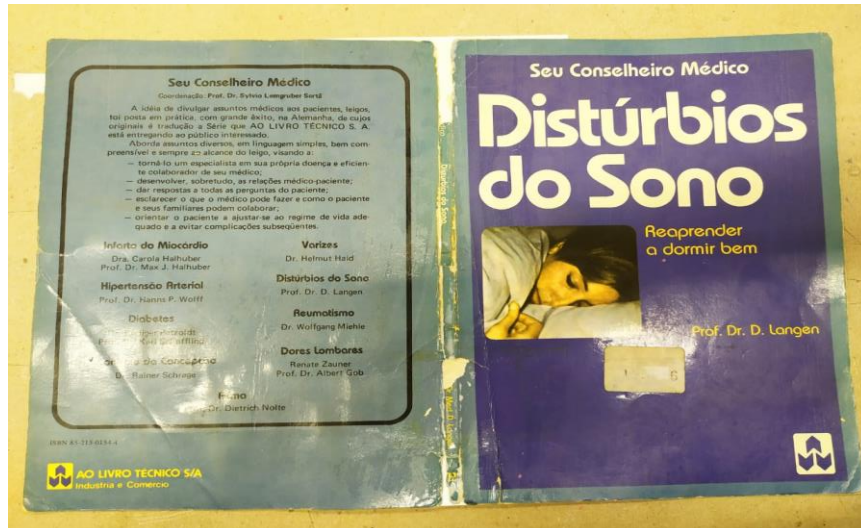
Na imagem acima podemos observar que o livro apresentado possui capas e folhas soltas, além de uma lombada danificada, tal qual os livros apresentados nos processos anteriores. Porém, este livro possui menor quantidade de páginas e apresenta uma capa do tipo brochura, o que significa que os procedimentos se diferenciam um pouco. Para reunir as páginas repete-se o mesmo procedimento de costura, observando que neste caso o procedimento é um pouco mais simples, conforme mostram as figuras a seguir.

Figura 21 - Reconstrução de capa



Fonte: fotografia da autora (2019)

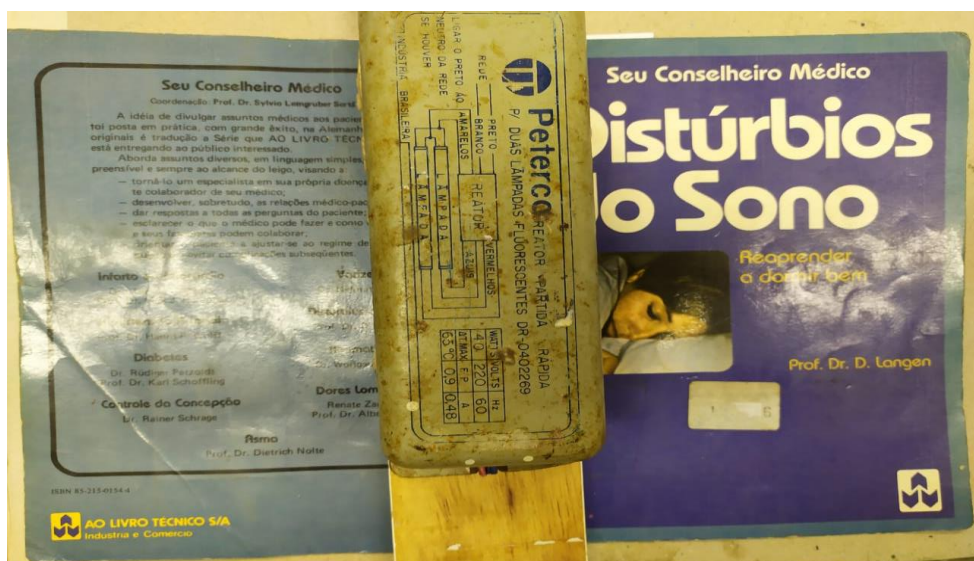
Figura 22 - Colagem de lombada



Fonte: fotografia da autora (2019)

Para reestruturar a capa utiliza-se a colagem da mesma em papel e junta-se as pequenas partes rasgadas, como em um quebra cabeça, para que se reconstrua a capa original. Após a colagem, adiciona-se um peso por cima do procedimento onde a colagem é realizada para garantir a fixação da cola ao papel, conforme mostra a imagem abaixo.

Figura 23 - Peso segurando a colagem de capa



Fonte: fotografia da autora (2019)

Para que a cola não grude ao peso e estrague o trabalho, utiliza-se um pedaço de madeira com uma superfície lisa virada para a colagem. Estes equipamentos também são improvisados pelo restaurador responsável pela Oficina de Livros da biblioteca. Com a capa refeita e seca, cola-se de volta ao livro através do procedimento de colocação de guarda e contraguarda. O próximo passo é o emborrachamento da lombada, conforme mostra a imagem a seguir:

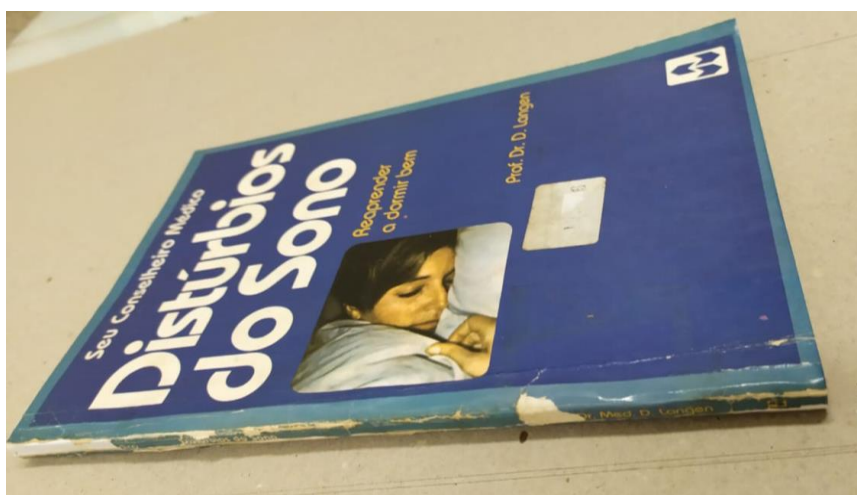
Figura 24 - Emborrachamento de lombada



Fonte: fotografia da autora (2019)

Depois de recolocar a capa, acrescenta-se uma camada de cola diluída à lombada, para garantir um efeito emborrachado que irá proteger melhor o papel utilizado na reconstrução da capa, conforme apresentamos na fotografia abaixo.

Figura 25 - Capa recolocada com lombada emborrachada



Fonte: fotografia da autora (2019)

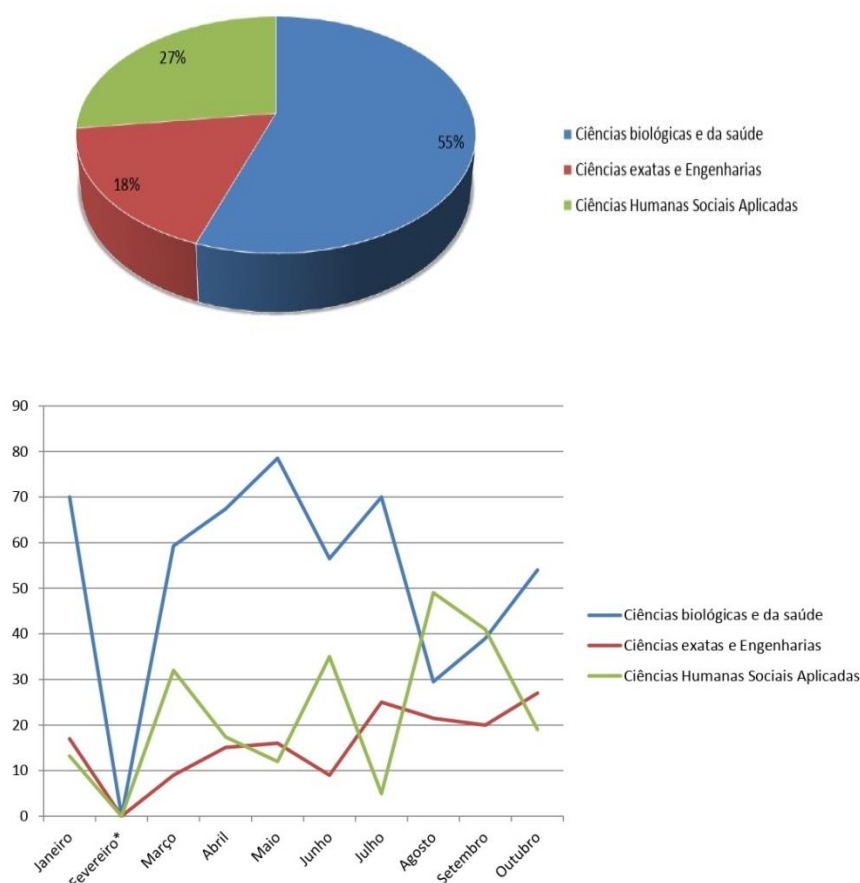
Durante o estágio na oficina de pequenos reparos da BSCAN, foi possível perceber que muitas vezes, ao passar pelo processo de restauração, o livro perdia algumas de suas características iniciais, como por exemplo, sua lombada original, algumas partes da capa e contracapa com informações de título e autoria. Nada que prejudicasse o sentido da obra, porém eram informações relevantes de se ter presentes até mesmo quando se trata do quesito estético.

Às vezes ocorria também do livro não aguentar passar por outro processo de restauração, pois as técnicas utilizadas para restaurá-lo exigiam certos formatos que por conta de processos sofridos anteriormente já havia se perdido; O caso mais comum era a falta de margem, pois quando passados pela oficina, os livros passavam por um processo chamado perfilação, que consistia em cortar suas margens de forma a encaixá-lo de volta em sua capa, esse processo era feito com um equipamento adequado para esse fim, a guilhotina para papel.

Já estes processos apresentados são os trabalhos mais recorrentes dentro da oficina de pequenos reparos da BSCAN, que atua na recuperação das obras do seu acervo, visando garantir a maior vida útil destes materiais. Uma pesquisa realizada na instituição mostra que no ano de 2019 entre os meses de janeiro até outubro, meses de duração do estágio, a oficina de pequenos reparos realizou procedimentos como estes em aproximadamente 386 obras e 457 exemplares. Estes números saíram a partir de um relatório do software Sophia dos livros retidos no sistema para reparo. (ver anexo)

A partir destes dados foi possível traçar uma estatística das áreas do conhecimento que demandam mais trabalho de recuperação de livros. Os resultados foram apresentados pela autora em seu projeto de estágio e serão projetados nesta pesquisa afim de ajudar nas reflexões finais deste estudo.

Gráfico 1 - Livros restaurados no ano de 2019 entre janeiro e outubro



*Dados de fevereiro igual a zero referente às férias do servidor

Fonte: Elaborado pela da autora (2019)

O levantamento referente ao montante de livros restaurados durante esse período, mostra que há uma maior demanda de serviço na área de ciências da saúde e nas ciências biológicas, que caracteriza como mais da metade das obras restauradas no ano, seguido pelas ciências exatas e engenharia e por fim as ciências humanas e sociais aplicadas.

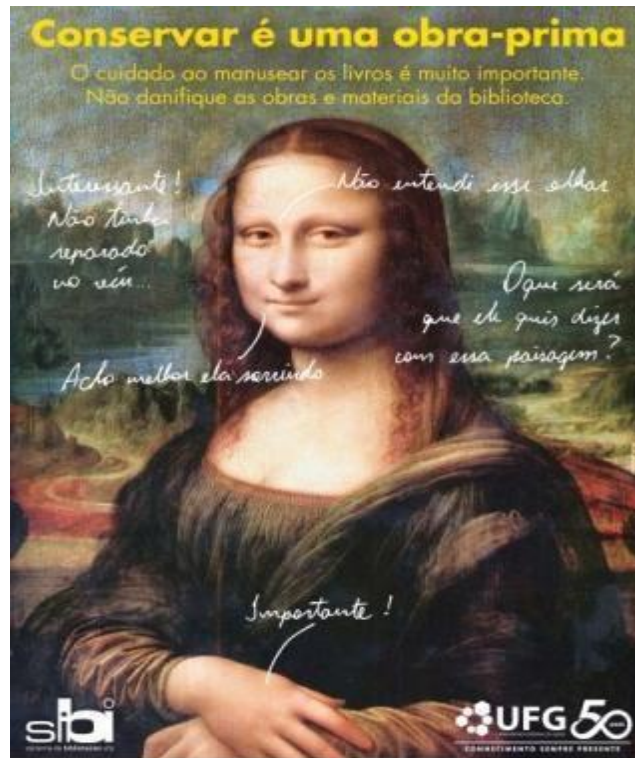
Este levantamento foi organizado no formato de uma exposição, realizada no corredor de entrada da biblioteca, cujo espaço é acessado por todos os frequentadores e usuários da instituição. Além destes dados, foram apresentados também, durante a exposição, os processos de restauração dos livros mostrados acima a partir das mesmas fotografias aqui compartilhadas. Reunimos em uma

estante, vários livros restaurados de maneira que os visitantes pudessem observar os danos que o mau uso pode gerar nesses materiais.

Durante a exposição foi possível notar que os usuários não demonstraram conhecer as práticas de conservação preventiva. Uma das cenas mais expressivas observadas neste período tem como protagonista um aluno em nível de pós-graduação que dialoga com a bibliotecária dizendo que usa caneta e lápis para marcar as partes importantes do texto. Após explicação da bibliotecária, apontando o porquê essa prática seria incorreta, pois além de violar um patrimônio público ainda poderia interferir na leitura alheia, a resposta dada pelo usuário foi a de que o livro já havia sido riscado anteriormente, logo não havia problema riscá-lo novamente, porém o estudante afirmou que os riscos antigos no livro de fato influenciavam na sua leitura.

Ao pesquisar no site do sistema de bibliotecas, não foi possível encontrar nenhuma política da instituição voltada para estas questões, apenas algumas campanhas, dentre elas a campanha obra-prima, lançada pelo SIBI-UFG em 2010, que abordou o tema através de cartazes e distribuição de marca páginas. Apesar de abordar a questão da conservação a campanha tinha como foco não apenas estes problemas, mas outras atividades que envolvem os serviços oferecidos por uma biblioteca universitária. Na imagem a seguir, podemos ver um dos cartazes que compunham a campanha lançada pela biblioteca em 2010.

Figura 26 - Cartaz de divulgação da campanha obra-prima



Fonte: SIBI-UFG (2010)

Tanto o cartaz quanto os marca-páginas, trazem a mesma mensagem, de forma simples e direta. As interferências na imagem induzem o leitor a interpretar que esta ação danifica o material. Esta e outras propostas para abordar o assunto podem ser encontradas na aba “campanhas educativas”¹⁴ do site do sistema. Dentre os materiais disponíveis temos um projeto intitulado “Preservando o acervo das Bibliotecas UFG”, que traz como resultados dois materiais visuais, o primeiro exposto como cartaz nas paredes das bibliotecas do sistema e o segundo foi exposto nas mesas de estudo das bibliotecas.

¹⁴ <https://www.bc.ufg.br/p/3401-campanhas-educativas>

Figura 27 - Cartaz da campanha: Preservando o acervo das Bibliotecas UFG



Fonte: SIBI-UFG (2004)

Figura 28 - Aviso para as mesas de estudo



**Se um livro merece ser lido,
merece também ser preservado!**

- Evite escrever sobre o livro e não apoie os cotovelos sobre ele.
- Faça anotações em uma folha à parte, não rabisque o livro.
- Use o marca-páginas em vez de clips ou outro material.
- Manuseie com cuidado, com as mãos limpas e sem umedecer os dedos.
- Evite dobrar o canto das páginas. Use o marca-páginas.
- Retire o livro da estante segurando-o pela lombada. Nunca o puxe pela parte superior.
- A exposição ao sol descora os pigmentos e danifica o papel.
- Fitas plásticas adesivas deixam resíduos ácidos.
- Alimentos próximos ao livro atraem insetos e impurezas.

**Leia e preserve. Quem rasga, rabisca ou mutila o livro
está destruindo um patrimônio cultural.**



Projeto "Preservando o acervo das bibliotecas da UFG"
Curso de Biblioteconomia - Faculdade
de Comunicação da UFG
Sistema de Bibliotecas - UFG



Fonte: SIBI-UFG (2004)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo contextualizado a história do livro, a partir de uma perspectiva histórica e conceitual, e compreendido sistematicamente seu funcionamento como objeto informacional, desde o seu surgimento, a evolução dos seus suportes, podemos afirmar que o livro possui função de resguardar a memória, divulgar a ciência e viabilizar o acesso à arte da literatura, o livro é uma ferramenta de educação e cultura.

No ano de 2020, o Brasil acompanhou um impasse político no qual uma reforma tributária propunha uma taxaçoão no preço dos livros, que atualmente são isentos de impostos, o que descarretaria em maiores dificuldades para acesso a esses materiais tanto para o leitor, quanto para as bibliotecas que enfrentam juntamente com a universidade o sucateamento das instituições.

Neste contexto, a nossa preocupação com preservação de acervos se acentua, notadamente pela importância da preservação dos livros no tocante a preservação da memória e da cultura de diversos povos. É indiscutível a importância da preservação de acervos para acompanhar a evolução da ciência e do fazer científico, além de cumprir com um dos principais objetivos de um acervo, que o de fomentar a pesquisa e preservar a memória da cultura e do conhecimento científico.

A quinta lei de Ranganathan¹⁵ diz que a biblioteca é um organismo em crescimento, e para que haja um crescimento acreditamos que se deva preservar o que já se tem para seja possível somar, neste interim, a biblioteca universitária dentro de suas atribuições, deve agir de maneira coordenada, buscando além de difundir suas informações e dar base às pesquisas desenvolvidas pela universidade, traçar estratégias que auxiliarão a salvaguardar seu acervo.

Lançando o olhar sob a BSCAN, que representa o papel de objeto de estudo desta pesquisa, foi possível notar que a biblioteca por meio da oficina de pequenos reparos desenvolve um bom trabalho em recuperar a integridade física dos livros de seu acervo, conseguindo bons resultados tanto em número, quanto na qualidade do serviço, tudo isto contando com poucos recursos financeiros, recursos materiais e recursos humanos.

Todavia, conforme vimos no decorrer deste estudo, a melhor estratégia para preservação de acervos é a **conservação preventiva**, que atua através de cuidados

¹⁵ Shiyali Ramamritam Ranganathan, pensador indiano que instituiu as cinco leis da Biblioteconomia.

que considera desde agentes prejudiciais ao papel, armazenamento correto, até as formas de manipulação e uso do livro por parte dos usuários. Neste tocante, podemos notar que a biblioteca ainda deixa a desejar em alguns aspectos, como vimos na figura 3, que mostra livros mal acomodados, desencadeando problemas na sua estrutura e condicionando o usuário a retirá-los de maneira incorreta, acarretando no desgaste do material que acabará sendo encaminhado à oficina de reparos.

Podemos notar que existe a preocupação com esse tema por parte do sistema de bibliotecas, dado as campanhas lançadas em prol da conscientização dos usuários, porém ainda há muito que se desenvolver por parte da instituição, como propostas de intervenção mais incisivas e constantes, com uma política interna voltada ao tema, e quem sabe abordar o assunto no treinamento de usuários oferecido pela biblioteca. Além disto, o próprio curso de Biblioteconomia da instituição tem muito a contribuir e agregar ao disponibilizar mais vagas de estágios obrigatórios para estas áreas, para além da criação de uma disciplina que possa discutir este tema, de modo a contribuir com os estudos e aprimoramento destas práticas e consequentemente, difundir e gerar conhecimentos que venham a ajudar a construir políticas para a biblioteca voltadas a conservação preventiva do acervo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZOLIN, Heloisa Helena; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v.8, n.25, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=2448&dd99=view>>. Acesso em: 24 ago. 2020

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento 1: de Gutenberg a Diderot**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2003.

_____. A revolução da prensa gráfica em seu contexto. In: **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CAMPELLO, Bernadete. Preservar para acessar. In: **Introdução ao controle bibliográfico**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

CARVALHO Kátia. Disseminação da informação e biblioteca: passado, presente e futuro In: **O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: Edufba, 2006.

CASSARES, Norma Cianflone; MOI, Cláudia. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2000.

CASSARES, Norma; TANAKA, Ana Paula (orgs.). Preservação de Acervos Bibliográficos: homenagem à Guia Mindlin. São Paulo: Associação Brasileira de Encadernação e Restauro. **Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do estado de São Paulo**, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

_____. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos avançados**, v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: >http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141994000200012&script=sci_arttext&tlng=pt< Acesso em: 26 set 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Briquet de Lemos, 2008.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência da informação**, v. 28, n. 3, p. 269-277, 1999. Disponível em: >https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010019651999000300004&script=sci_abstract&tlng=es< Acesso em 21 ago. 2020

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. 2010. FEBVRE, L.; MARTIN, H. J. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GASPAR, Pedro João Soares. **O Milénio de Gutenberg**: do desenvolvimento da Imprensa à popularização da Ciência. 2009. Disponível em: ><http://online-ipleiria.pre.rcaap.pt/bitstream/10400.8/112/1/O%20Mil%c3%a9nio%20de%20Gutenb%20erg%20do%20desenvolvimento%20da%20Imprensa%20%c3%a0.pdf>< Acesso em 20 ago. 2020

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUCCAS, Lucy; SERIPIERRI, Dione. **Conversar para não restaurar**: Uma proposta para preservação de documentos em bibliotecas. Brasília: Thesaurus, 1995.

LYONS, Martyn. **Livro**: uma história viva. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011.

MILEVSKI, Robert J. et al. **Manual de pequenos reparos em livros**. Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001.

MÁRSICO, Maria Aparecida de Vries. Noções básicas de conservação de livros e documentos. **Curso de conservação e restauração de acervos bibliográficos. Rio de Janeiro: Redarte**, 2006. Disponível em: ><https://simagestao.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Noco-es-Basicas-de-Conservacao-de-Livros-e-Docmentos.pdf>< Acesso em: 20 mar 2020.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 1998.

MICHAELIS, Dicionário. Disponível em: ><http://michaelis.uol.com.br><. Acesso em: 21 ago. 2020.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

SPINELLI JR, Jayme; BRANDÃO, Emiliania; FRANÇA, Camila. **Manual técnico de preservação e conservação**: Documentos Extrajudiciais CNJ. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

SPINNELI JR, Jayme. **Conservação de acervos bibliográficos e documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. Disponível em: ><http://planorweb.bn.br/documentos/ConservacaoAcervosBibliograficosDocumentais.pdf>< Acesso em: 20 mar 2020.

SERRA, Liliane Giusti. Bibliotecas e livro digital: Breve história e novos desafios. In: **Biblioteca do século XXI**: desafios e perspectivas. 2016.

TARAPANOFF, Kira. A biblioteca universitária vista como uma organização social. **Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação. Brasília: ABDF**, v. 1, p. 73-92, 1982.

TARGINO, Maria das Graças. **Conceito de biblioteca**. [Brasília]: ABDF, 1984.

VIANNA, Michelangelo. **A informação e a biblioteca universitária**. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/miquemv/ss-a-informao-e-a-biblioteca-universitaria>>. Acesso em 21 ago. 2020.